AVEIRO, 22 DE JANEIRO DE 1972 * ANO XVIII * N.º 894

Litoral

Director e Editor — David Cristo ★ Administrador — Alfredo da Costa Santos Proprietários — David Cristo e Francisco Santos ★ Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

SEGUNDO 'GRAU,

DR. ORLANDO DE OLIVEIRA

CORRIGENDA

Não teria importância de maior se não fosse debater-se o tema do rigor da aplicação dos títulos e graus académicos.

Assim, na primeira parte do «Segundo Grau» já publicado, onde eu escrevi «o jovem licenciando Carvalho Homem», saiu o «jovem licenciado Carvalho Homem».

A ARGUMENTAÇÃO

Os signatários do artigo em análise repudiam a afirmação «...o agente técnico quer ser engenheiro...» por ser «lesiva da sua dignidade social o profissional» e também consideraram «lesiva dos seus interesses profissionais» a «amputação que se faz, deliberada ou não» (como bons técnicos que são, não podiam deixar de tentar a vitória senão por meio da agressão, esquecendo-se que essa atitude é a «última razão de quem não a tem») da expressão «de Engenharia».

Por um lado, creio que há «lesivos» a mais, mas, por outro, pergunto: Quem é que está a lesar a «dignidade social e profissional» e os «interesses profissionais»?

Sou eu que disse e continuo a dizer verdades incontestáveis, ou são os que pretendem ornar-se com penas que não lhes pertencem?

Os meus opositores mostram-se ufanamente orgulhosos (e têm razão) quando afirmam possuir um «título profissional obtido em provas académicas oficiais». Perfeitamente certo que, quem tem um curso e um título se sinta envaidecido por ter vencido as dificuldades do caminho; mas a honestidade obriga a que reconheçamos que, se os outros venceram maior número de obstáculos e percorreram caminho mais longo, têm a vangloriar-se com um triunfo maior que o nosso. Mas, entenda-se, esses triunfos e essas alegrias não deverão ser para segregações profissionais nem para «brilho social» mas antes para aplicação integral no trabalho da profissão.

Diz-se também que «...muito do que se projecta e faz... é obra de Agentes Técnicos de Engenharia...». Salvo o devido respeito, esta afirmação não é escorreita: toda a obra em execução não é de Agentes Técnicos, nem de Engenheiros, nem de operários, mas sim de uma equipa constituída por todos eles, onde cada um merece por igual o respeito e a consideração devidos a quem moureja honestamente.

Como se vê, a argumentação é pobre e inconsistente, sem carrear achegas para o efeito pretendido.

OS INSTITUTOS INDUSTRIAIS

Segundo a opinião do Professor Engenheiro Doutor Leite Pinto, «são escolas de engenharia de grau médio»; mas frequentar uma escola de engenharia não é o mesmo que ficar a ser engenheiro pois que um enfermeiro não fica médico pelo facto de tirar o seu curso numa Escola de Medicina.

Nós gostaríamos de ver os Agentes Técnicos de Engenharia a pugnar e a bater-se com bravura por causas que o merecessem como a dignificação dos Institutos que os formaram, como por exemplo a da homogeneidade intelectual dos alunos que os frequentam. Isso sim, valeria a pena; e até me posso oferecer como modesto colaborador para essa causa, se o pretenderem.

Esclareçamos.

Podem frequentar os Institutos alunos com o 2.º ano do Liceu ou o ciclo preparatório das Escolas Técnicas; também lá podem entrar os que possuem o 5.º ano liceal ou a secção preparatória para os Institutos, professada nas Escolas Técnicas; finalmente, também lá cabem os habilitados com o 7.º ano liceal. Deste modo, hão-de sair de lá diplomados de várias mentalidades, com alicerces intelectivos dispares, embora todos cobertos com o título de Agentes Técnicos de Engenharia. Não há hipótese de dar a uma classe profissional de pessoas tão diversificadas a homogeneidade necessária para que essa classe constitua realmente um bloco que se imponha, tanto profissional como socialmente.

Talvez porque nunca houve da parte dos interessados uma atitude corajosamente elevada de demonstrarem com argumentos válidos as suas razões (seriam muitas e oportunas), é que agora lhes aconteceu um percalço de que talvez ainda se não tenham apercebido.

A recente Lei Orgânica do Ministério da Educação Nacional estabelece no seu artigo 13.º que «Incumbe à Direcção-Geral do Ensino Secundário superintender na organização e funcionamento dos estabelecimentos deste grau de ensino...»

A seguir, na lista a que se refere o artigo 3.º da mesma Lei Orgânica, esclarece:

«4 — Direcção-Geral do Ensino Secundário:
Institutos Comerciais (enquanto não forem criados os institutos politécnicos).
Institutos Industriais (idem).
Escolas de Regentes Agrícolas (idem).
Escola Prática de Agricultura do Conde de S. Bento.
Liceu e escolas técnicas».

Quer isto dizer que os Institutos ora existentes e as Escolas Agrícolas vão desaparecer em futuro mais ou menos próximo, mas, enquanto não morrerem, são estabelecimentos de ensino secundário, como os liceus e as escolas técnicas.

E quando realmente morrerem, a sua substituição irá fazer-se por outras instituições completamente diferentes das actuais, com outros moldes, outros programas, outras condições de admissão, etc.

Com seriedade (nem haverá ensino médio nem Institutos), os actuais diplomados

Continua na página três

PANO DE FUNDO

JESUS ZING

CÁ TEMOS O 72

...e, do 71, já aqui falámos sobre o VI CONGRESSO DO ENSINO LICEAL e a EXPOSIÇÃO AVEIRO - ARTE. Hoje, como prometemos, mais estes temas-71: TEATRO e CINEMA, na cidade.

FALANDO de cinema na cidade durante o ano que passou, pouco há que acrescentar ao que aqui escrevemos e que duma empresa cinematográfica mereceu alguns comentários aos quais oportunamente respondemos. Não se viu nenhuma película do novo cinema brasileiro que esteve circunscrita a uma elite de Lisboa e para esclarecimento o último mês do ano só deu três filmes de valer a pena:

— Os Amores de uma Loura, de Milos Forman;
— Domicílio Conjugal, de François Truffaut;
— Monte Walsh, de William Frakner.

Haverá a acrescentar ainda mais algumas películas a ver, como por exemplo:

— Sim, sr. Hulot, de Jaques Tati;
— O Pequeno Grande Homem, de Arthur Peen;
— Rio Lobo, de Howard Hawks;
— Deserto Vermelho, de Michelangelo Antonioni.

O cinema que o aveirense viu em Aveiro, pouco significa. Limitou-se a repetir atrasado do que em Lisboa e Porto foi de insignificante. Os filmes que devia ver não os viu, e terá a promessa de os ver. E em que condições não interessa. A cidade não possui grandes salas de exibição, e a melhor, apesar de tudo é o *Aveirense*.

Continua na página três

do TARTUFO de Molière ao TARTUFO de Raul Solnado

DR. VASCO DE LEMOS MOURISCA

MOLIÈRE fez representar a sua comédia **Tartufo** pela primeira vez, em 18 de Maio de 1664, perante a Corte de Luís XIV. Mas, nesta altura, a peça era ainda em 3 actos. Não se sabe se estava completa, se inacabada ou seria base, apenas, de nova peça. Que deveria ser confessado propósito do Autor aumentá-la parece fora de dúvida, uma vez que o Duque de Enghien mandou perguntar, em Outubro de 1665, se o 4.º acto já estava escrito. E deveria estar, porque um mês depois, em 8 de Novembro, o **Tartufo** é representado, já em 5 actos, em Raincy.

A peça teve vários impedimentos. O primeiro foi a pedido de Ana de Áustria (filha, como se sabe, de Filipe III de Espanha, Mulher de Luís XIII e Mãe, portanto, do Rei-Sol) e do Arcebispo de Paris. A partir deste momento, o **Tartufo** passou a ser conhecido pela peça interdita. E, consequentemente, a ter muito mais interesse. Várias pessoas pediam, a Molière, que lhes lesse a comédia, até porque, para além dos impedimentos, ela era conhecida pela mais original das suas obras. Uma das causas dos impedimentos era a de muita gente se sentir, lá, retratada. Não admira, já que tal estava nas preocupações do Autor, tal como ele o diz, na primeira petição que, sobre o Tartufo, fez a Luís XIV, em Agosto de 1664 e abre assim: — «Sire, le devoir de la comédie étant de corriger les hommes en les divertissant, j'ai cru que, dans l'emploi où je me trouve, je n'avais rien de mieux à faire que d'attaquer par des peintures ridicules les vices de mon siècle.»

A 5 de Agosto de 1667, foi autorizada a representação

Continua na página cinco

ACONTECEU

DR. ARAÚJO E SÁ • • •

NATAL ANGOLANO

AQUI em Luanda, contrastando com prédios gigantescos que desafiam os céus, há «musseques». E nem tão poucos são aqueles que topamos aqui, ali e acolá, albergando grande parte desta população negra citadina de mais de trezentas mil almas, misturada tantas vezes com brancos que lá assentaram arraiais também, ganhando a vida vendendo tudo e mais alguma coisa, em acanhados estabelecimentos onde se misturam, em tremenda confusão, bolachas e camisas furtacores, cognac barato e «missangas» garridas, lâminas para a barba e alheiras de Mirandela.

Pois perto de um «musseque» aconteceu passar o meu primeiro Natal angolano. Primeiro porque... não será certamente o último!

Natal diferente daqueles a que me habituara, pois vivi-o em mangas de camisa, metido em ar condicionado, bebendo «whisky» com pedras de gelo, mergulhando nas águas paradas e mornas de um mar sem ondas que

Continua na página três

Quem acode à CASA-MUSEU DE EGAS MONIZ?

Joaquim Rosado — um homem extremamente simpático que foi humílimo (mas útil, porque devotadíssimo) serventuário do saudoso Professor Egas Moniz — morreu, já muito velhinho, em Agosto do ano passado; e morreu no seu posto de guarda — fidelíssimo e apaixonado guarda — da Casa-Museu que tem o nome do sábio, obra inteiramente saída do estrénuo carinho e da bolsa do seu egrégio patrono, integrada em Fundação, legalmente estatuída, a que ele previdentemente deu corpo, toda generosamente legada ao estudo e à sensibilidade de quem se empenha pela Arte, pela História e também pela Ciência; pela Ciência também, pois que lá se encontram todas as essenciais informações que consolidaram um importante e novo capítulo nos domínios da Medicina — a Neurocirurgia — de que Egas Moniz foi gigantesco impulsionador, com os notáveis estudos que justificaram o Prémio Nobel, primeiro, e por ora único, concedido a um português.

Mas, infortunadamente, sucedeu que, quando Joaquim Rosado fechou os olhos, fecharam-se também as portas da Casa do Marinheiro, em Avanca, que foi vivenda do sábio e onde ele quis que ficasse o Museu; e, lá dentro, faianças, vidros, quadros, mobiliário, pratas, livros e outros raros documentos de informação estética, literária e científica ou de simples, mas estimável, vocação; todo um precioso recheio angariado, ao longo de muitas décadas, com proficiência (e com amor!), no encaminhamento constante dos ganhos profissionais para a aquisição de bens do espírito — tudo (que, além do mais, faz a biografia

Continua na página cinco

Um lema: SERVIR A ARTE DO CANTO E A CIDADE DE AVEIRO — o lema, que já nestas colunas relevámos, do CORAL VERA CRUZ. E aqui vemos hoje o magnífico conjunto em imagem colhida durante o inesquecível concerto de 12 do corrente — o que, mais do que homenagem, é registo duma esperança: Aveiro procurará, com o seu incentivo, ser digna do esforço do seu CORAL VERA CRUZ

SPRAL - Sociedade de Pré--Esforçados de Aveiro, L.da

Certifico que, por escritura de 30 de Dezembro de 1971, exarada de fls. 77 a fls. 79, verso do livro de escrituras diversas A-55, deste Cartório a sociedade «Spral — Sociedade de Pré-esforçados de Aveiro, Limitada», com sede em Aveiro, alterou parcialmente o seu pacto social quanto aos artigos 3.º e 4.º, que passaram a ter a seguinte redacção:

3.º — O capital social é de 600 000$00, integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes: uma de 240 000$00 do sócio Eng.º João Monteiro Conceição; uma de 150 000$00 do sócio Eng.º Celso Bernardo de Albuquerque; uma de 120 000$00 do sócio Eng.º João Charters Azevedo Monteiro Conceição; e outra do Dr. Tomás Duarte da Câmara Oliveira Dias, de 90 000$00;

4.º — O sócio que quiser vender a quota oferecê-la-á à sociedade e o respectivo valor será determinado por um balanço especial compreendendo uma reavaliação do activo; a forma de pagamento será a que se combinar e, na falta de acordo em quatro prestações semestrais e iguais acrescidas do juro igual à taxa do desconto do Banco de Portugal;

§ 1.º — Não querendo a sociedade a referida quota, será esta individualmente oferecida aos outros sócios, que a pagarão pelo mesmo preço por que a pagaria a sociedade. Querendo-a mais do que um, a quota será dividida pelos que a quiserem, na proporção das suas entradas de capital;

§ 2.º — Os sócios Engenheiros João Monteiro Conceição e João Charters Azevedo Monteiro Conceição e Dr. Tomás Duarte da Câmara Oliveira Dias e seus sucessores terão preferência mesmo sobre a sociedade na aquisição de qualquer quota que algum sócio ou seus herdeiros pretendam transaccionar;

§ 3.º — Se a sociedade e os sócios individualmente não quiserem a quota, poderá esta ser vendida a estranhos.

Está conforme ao original nada havendo na parte omitida que modifique, condicione ou restrinja o que se narra e transcreve.

Cartório Notarial da Batalha, 5 de Janeiro de 1972.

O Notário,

Ramiro Ferreira das Neves

Litoral — Ano XVIII — 22-1-1972 — N.º 894

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

Faz-se saber que no dia 7 do próximo mês de Fevereiro, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, nos autos de Carta Precatória vinda do 1.º Juízo Cível da Comarca do Porto e extraída dos autos de Execução por Custas que o Ministério Público move contra Idalina Eugénia Catarina, residente no lugar de Sarrazola, freguesia de Cacia, deste concelho de Aveiro, hão-de ser postos em praça, para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima dos valores abaixo indicados, os seguintes bens móveis: 1.º — Um televisor marca «Nordmand», com 59 cm. de écran, cor castanha, em bom estado, avaliado em 3 000$00, valor por que vai à praça; 2.º — Um móvel de rádio e gira-discos, marca «Lows Opta», estereofónico, em estado de novo, avaliado em 7 000$00, valor por que vai à praça.

Aveiro, 12 de Janeiro de 1972.

O Escrivão de Direito,

António Amaro Martins dos Santos

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Afonso Andrade

Litoral — Ano XVIII — 22-1-1972 — N.º 894

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

Anúncio

Para citação de credores desconhecidos

1.ª publicação

Pelo Juízo desta comarca, secção da Secretaria acima referida correm éditos de vinte dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados António Tomaz Borralho, João Tomaz Borralho, Rosa Tomaz Borralho e Maria Helena Tomaz Borralho, menores, de Vila de Mira, Vagos, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Rosa Bértola Borralho, marido e outra, de São Bernardo, desta cidade de Aveiro.

Aveiro, 13 de Janeiro de 1972.

O Escrivão de Direito,

José Cândido Gomes

Verifiquei:

O Juiz,

Abílio José Valverde

Litoral — Ano XVIII — 22-1-1972 — N.º 894

SEGUNDO «GRAU»

Continuação da primeira página

pelos Institutos não encontrarão elos que lhes permitam estabelecer qualquer parentesco com as estruturas que vão criar-se.

Daí o considerarmos estulto o último período do artigo dos «Agentes Técnicos de Engenharia a trabalhar em Aveiro»: «A reforma do ensino, prestes a sair, deverá trazer algumas novidades. Confiemos em que, com ela, tenham fim agravos como o presente, dos quais todos sentimos os efeitos no dia dia».

Ninguém lhes poderá «restituir» um «título profissional» que nunca tiveram, tanto mais que, nessas alturas, os Institutos actuais terão desaparecido.

Ficámos agora a saber por suas bocas que o seu maior objectivo é o de que os considerem Engenheiros com o actual significado entre nós atribuído a tal palavra.

Embora eu nada tenha com isso, pois o facto em nada me aquenta ou arrefenta, lamento muito mas tenho que lhes dizer que NÃO SÃO ENGENHEIROS. E não o são pelas seguintes razões:

1.ª — Não são licenciados por nenhuma Escola Superior de Engenharia;

2.ª — Não são admitidos a trabalhar numa Empresa ou nos serviços do Estado quando abrem concursos para admissão de engenheiros;

3.ª — Não podem inscrever-se na Ordem dos Engenheiros.

ATITUDES

Registam-se duas da parte dos signarios do artigo a que respondemos:

— a ideia fixa da perseguição;

— a ingratidão.

A palavra «lesivas» aplicada por duas vezes a interpretações de passos do meu artigo, a existência de um «parti-pris» da minha parte e a exigência da «restituição de um título profissional inequívoco» são provas mais do que suficientes para comprovar que os mesmos Senhores estão atormentadíssimos com a ideia de auto-defesa contra quem os ataque e contra quem os quer esbulhar de um título a que se julgam com direito.

Pela minha parte, nem ataquei nem pratiquei esbulho, mas uma vez que me interpretaram assim, não posso deixar de lamentar o estado depressivo dos mesmos Senhores.

E quando assim é, só há três possibilidades de o explicar:

— Ou se trata de uma situação a requerer cuidados clínicos apreciáveis;

— Ou é uma redundante manifestação de vaidade por se julgarem tão notáveis que toda a gente pretenderá apeá-los da sua elevada situação;

— Ou ainda pode ser uma atitude de esperteza arguta para aproveitar uma publicidade gratuita em benefício da profissão liberal que exercem ou podem exercer.

Felizmente, não vou pelo primeiro destes três caminhos, pois creio plamente na sanidade dos Senhores Agentes Técnicos que abriram este debate.

Mas, se todo o artigo da sua autoria é uma clara manifestação de vaidade, o facto de terem sido os 14 a subscrevê-lo fez-me ocorrer a ideia da publicidade gratuita.

A segunda atitude registada foi a da ingratidão para comigo. Nunca fui contra nenhum ramo ou grau de ensino e todos sabem que há vários anos me venho cansando e estafando pela existência de muitas das suas modalidades em Aveiro. Entre elas, graças à minha iniciativa e à ajuda financeira da Câmara Municipal, conta-se a da existência precisamente do Ensino Médio, representado hoje pela esperançosa Escola que é o Instituto Comercial.

Qual dos Senhores Agentes Técnicos de Engenharia se deu ao trabalho de me enviar uma palavra de regosijo por se ter conseguido (é a 3.ª cidade metropolitana a poder gabar-se de tal) o advento do Ensino Médio — aquele grau de ensino com que são diplomados — em Aveiro?

Qual dos Senhores Agentes Técnicos de Engenharia se deu ao incómodo de me enviar uma palavra de agradecimento por existirem em Aveiro instituições, devidas ao meu trabalho, que esses mesmos Senhores estão a aproveitar para criarem os seus filhos?

Ah, meus Amigos! Há entre nós uma diferença apreciável: enquanto os Senhores só abriram os olhos para o vosso interesse pessoal, eu tenho trabalhado para vós e para os outros (não para mim).

Não quero que mo agradeçam, mas tenho que castigar a miopia, quando os beneficiados me saltam ao caminho.

Catorze num dos pratos da balança e eu apenas, solitário, no outro! Não quero que ela penda para o meu lado, mas que se mantenha o justo equilíbrio quando essa balança estiver carregada com todos nós.

Quero que o fiel aponte para o zero.

A CONCLUIR

Vã sendo horas e vou terminar, mais por fadiga do que por ter esgotado o assunto.

Guardei para o fim o que poderá chamar-se a salvaguarda pessoal.

Na realidade, ao longo do artigo em causa, há várias frases com intenção cáustica e agressiva, absolutamente despropositadas, e a que não respondo por não querer cair nesse jogo de inferior qualidade.

Mas nem sequer pouparam o meu nome que julgo honrado e chamam-me «Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu Nacional de Aveiro», para depois acrescentarem com irreverente e contundente ironia os atributos de «professor, educador e Reitor dum liceu».

Vamos então pôr este assunto na devida ordem.

Não conseguiram esgotar os atributos que me são legitimamente devidos.

Não sou Dr., mas apenas licenciado por duas Faculdades Universitárias, e nunca me julguei menos digno, nem os meus Filhos se sentirão agastados pelo facto de eu não ser Dr.

Depois de licenciado, consegui aprovação num Exame, conquistando um diploma em que me declaram habilitado para exercer o magistério liceal. Portanto, também sou realmente professor e, mercê de provas dadas durante nove anos como dirigente de outros dois liceus, aconteceu nomearem-me Reitor do Liceu de Aveiro. E como não há ensino sem simultâneamente haver educação, ao mesmo tempo que me conferiram oficialmente o título de professor, também me atribuíram o de educador.

E às vezes até desejo mesmo exercer as funções de educador!

Deste modo, tomo a liberdade de terminar com umas normas que me permito pôr perante o olhar benevolente de quem as quiser ler.

1.ª — Nunca tive o propósito de molestar os Senhores Agentes Técnicos de Engenharia nem de menosprezar os cursos com que estão habilitados, não me cabendo por isso qualquer responsabilidade na má interpretação que Alguém deu ou quis dar às palavras do meu artigo «O Grau».

2.ª — Onde houver dois homens, deve haver duas opiniões, concordantes ou discordantes, que podem ser tema de discussão mas nunca deverão ser instrumentos de agressão e desrespeito.

3.ª — Se porventura um interveniente for agressivo, deve castigar-se mas, se quem aplicar o castigo for educador, o mesmo castigo deverá ser paternal, com vista a promover o arrependimento do infractor e consequente desejo de não prevaricar de novo.

4.ª — Na actual orgânica de ensino português há Escolas Médias de Engenharia que conferem aos seus diplomados o título de Agentes Técnicos de Engenharia, mas não o de Engenheiros, reservado para os diplomados pelas Escolas Superiores respectivas.

5.ª — Essas Escolas Médias chamadas «Institutos Industriais», estão integradas na Direcção-Geral do Ensino Secundário, do Ministério da Educação Nacional, enquanto que a Faculdade de Engenharia do Porto e o Instituto Superior Técnico de Lisboa, são partes das respectivas Universidades, integrados portanto na Direcção-Geral do Ensino Superior.

6.ª — O aluno de uma Escola que amorosamente o formou para lhe outorgar um título académico ou profissional, que repudia esse mesmo título por o julgar sem o peso iniludível e suficiente que lhe dê o brilho social desejado e a categoria profissional apetecida, comete crime social idêntico ao do filho de pais modestos que esconde a ancestralidade por desejar pertencer a casta que ele julga superior.

7.ª — Quem escreve um artigo para um jornal digno e usa a palavra «amputação» no ataque ao pensamento de um amputado físico sujeita-se ao opróbio público, pois a cada leitor é lícito, em escritos do género, ver intencionalidade onde até pode haver só descuido, mas descuido que se não desculpa porque revelador duma negligência deplorável onde toda a diligência se imporia.

8.ª — No infelicíssimo escrito «A propósito do artigo o «Grau», apela-se para o professor e o educador. Pois ele aqui tem estado para ensinar e educar.

Porque o julgou de sua obrigação, também puniu mas fê-lo sem intenção de ferir nem de magoar; apenas entendeu que devia esclarecer e corrigir.

9.ª — Feito o «segundo grau», damos por terminada a escolaridade e por encerrado o assunto.

ORLANDO DE OLIVEIRA

Aconteceu...

Continuação da primeira página

beija a Restinga, onde a lagosta, o camarão, as gambas e o caranguejo são o «pão nosso de cada dia»; diferente porque o vivia a 7 000 quilómetros de distância donde me habituara a vivê-lo durante umas já gradas dezenas de anos, à lareira, vestido de lã, tremendo de frio só por olhar os campos salpicados de geada.

Mesmo assim, tive Natal, pois a família veio até estas bandas quentes de África consoar comigo, sentar-se à mesma mesa, deixar-me no «sapatinho» um beijo e um abraço, enfeitar-me a Noite com sorrisos de alegria, lágrimas de emoção e preces de esperança.

Mais do que nunca me soube este Natal! Pudera... Impossível compreendê-lo quando se não tenha deixado — tão longe como eu deixei — a família, a casa, os amigos, o dia-a-dia, para nos embrenharmos na incerteza de uma nova vida, num mundo diferente do nosso próprio mundo de há tantos anos já, em que os hábitos, os costumes, a maneira de ser, as aspirações de cada qual têm sempre algo de novo e singular, de não parecido, de estranho, talvez, que impressiona, choca, espanta e interroga tantas vezes.

África tem, afinal, o seu modo de ser, costumes nela enraizados, hábitos de que se não aparta, virtudes que importa estimular, defeitos que urge corrigir. África vive a sua vida, que, não sendo melhor nem pior do que as outras, é a sua... Em tudo isto, quase sem querer, pensei durante o meu primeiro Natal angolano, a dois passos de um «musseque» onde negros e brancos se misturam, se olham, se adivinham. Não sei bem se todos assim terão pensado... Creio bem que não! E nem tal me espanta, pois para deste modo se pensar necessário se torna viver um Natal aqui, nesta África imensa, quente, agreste e virgem, a dois passos de um «musseque», olhando aqueles que o habitam de coração aberto, estendendo a mão, escutando, corrigindo, louvando. Na poltrona, no salão recheado de antiguidades, no fausto palaciano e anticristão que é o mundo de tanta gente, não me parece possível adivinhar-se África tal e qual ela é, com tudo o que a caracteriza, preocupa e deseja. Muitos — e tantos são! — discutem-na de perna traçada à mesa dos cafés, pontificando com ares doutorais, gritando, sugerindo, legislando até. São os que a conhecem apenas do cinema, dos livros, dos jornais... São, afinal, aqueles que nunca passaram um Natal a dois passos de um «musseque» onde negros e brancos se misturam, se olham, se adivinham.

Talvez por isso — ou só por isso, até — aqui passei o meu Natal...

ARAÚJO E SÁ

Pano de Fundo

Continuação da primeira página

Das condições do *Avenida* é melhor não se falar, pode vir por aí outra carta, e é uma chatice a gente andar a responder a cartas daquelas. O distrito, aliás, também não é em si grande exemplo, pois o que de bom existe é em Oliveira de Azeméis com 70 mm e som em *stereo*. O cinema em Aveiro, há-de continuar a ter, pois claro assim é que é, os «westerns» made in Italy como prato forte, de frequência aos fins de samana, que é para ter tempo, o leitor, mais que suficiente para poder ressuscitar depois dum tiroteio de criar bicho. Quando assim não é tem as super-produções que como o nome indica poderão dar o direito de também ter, de vez em quando, uma super-lagrimite-aguda, o que parece ser aconselhável para certos corações incompreendidos. No meio de tudo isto, ainda não teve direito a brindes como baldes de plástico, mas por favor não desespere, lá chegará o tempo em que terá a papinha feita, quero dizer os baldes de plástico que se recomendam para certas fitas e ocasiões. 1971: Pum-Pum!

Em 22 de Maio do ano que passou escrevíamos neste jornal: «E a actividade teatral na cidade foi isto. Os únicos sinais positivos de teatro. O resto foi supérfluo. Para entrar no esquecimento. Não se fale mais no ano de 1970, tão triste e pobre ele foi».

Que dizer do ano de 1971? Pois que sim senhor terminou da melhor maneira e que tinha começado da pior maneira.

Pois na cidade, e durante o ano que passou, 16 espectáculos foram apresentados. Bonito número, quiçá indicativo duma actividade digna desse nome. No entanto desse número só quatro foram provenientes duma colectividade aveirense: CETA. Os restantes doze dividiram-se por Coimbra, Lisboa, Cascais, Abrantes.

Assinala-se a passagem, pela cidade, do II Ciclo Gulbenkian de Teatro, que veio matar a fome que na altura existia. Teatro de *boulevard* ou de revista preenchou parte do calendário. Depois foi o CETA, o TEUC, o Grupo de Teatro da Escola Preparatória, de Abrantes, e o Grupo de Teatro das Cervejas de Coimbra.

Não podemos assistir na cidade à totalidade dos espectáculos. Aqueles a que pudemos assistir demos conhecimento público da nossa opinião.

Mas, no limiar deste ano de 1972, convém frizar a actividade teatral do CETA. Apresentou quatro espectáculos, os dois últimos considerados aceitáveis. E se convém frizar a actividade do Círculo de Teatro(Experimental) de Aveiro, é porque só ela pode na realidade fazer com que haja vida teatral autêntica na urbe. Por todos os motivos.

Não pode é estar ao sabor, de meras intrigas pessoais, de falta de consciência, ou por outro lado, ao sabor duma vida financeira profundamente débil. De todos os espectáculos a peça de Santareno foi o pior que poderia ter acontecido. Isto apesar de ter sido dirigida por um senhor considerado pela crítica desta praça «um dos melhores encenadores do teatro amador», divisa que na altura e para gáudio de todos exibiu. O trabalho em profundidade não tem nada a ver com o tão prestigiado senhor. Por isso mesmo *A Promessa* foi para esquecer. Nem tudo na vida são lugres, digo louros, também existem espinhos.

Repetimos aqui, o que no suplemento «PONTO» (extinto) do «Diário de Lisboa», em 18/Julho dissemos: «Nascido em 1959, com o nome de Círculo Experimental de Teatro de Aveiro, viu-se forçada a direcção de então e por questões burocráticas, a intitular-se de Círculo de Teatro de Aveiro, nome que hoje e nas esferas oficiais se mantém apesar de ser conhecido por CETA, nome que os dirigentes e a massa associativa espera ver oficializado assim como os novos estatutos aprovados numa assembleia geral em 1969. Experimental como o nome indica, experimentação, renovação. Fazer experiência de. Facto falhado totalmente, uma vez que decorridos uma dúzia de anos, nada de experiências se fez. /.../ Como tudo e como todos uma presença que se quer viva. Aveiro não pode deixar morrer este Experimental que nunca o foi, que nunca pode dizer aquilo que vale, e principalmente aquilo que é».

Tudo isto porque a actividade que em Aveiro existir de teatro tem que ser o CETA. Porque o resto, são meras «embaixadas culturais» que de vez em quando desaguam no *Aveirense*. O CETA tem um único subsídio da Junta Distrital de Aveiro, 1 000$00 mensais, que ao longo de todo este tempo é insignificante, desprestigiante, e por paradoxo que pareça já esteve prestes a sucumbir. Muito há que fazer. Tanto que o ano que passou, deixou uma leve esperança de um futuro melhor no que concerne a teatro. O apoio tem que vir de cima. A Câmara deixou um subsídio de 10 000$00 em 1971, o que não chega a ser um conto por mês. A cultura não é coisa que se jogue assim, cria responsabilidades e estas têm de ser encaradas. Ao CETA (agora que as suas eleições estão à porta) cabem responsabilidades tremendas que ganham volume de ano para ano, mas às autoridades, à população da cidade também cabem (e grandes) na balança da balanço. Tudo está por fazer — é o que se poderá afirmar. Já alguma coisa foi feita. A cidade deve muito ao CETA e este nada deve à cidade. O que quer dizer que apesar de tudo o ano foi positivo, porque é sempre positivo aquilo que representa vida e esta vencerá.

Para já fica-se à espera do ciclo da Gulbenkian que não demorará. E Aveiro sabe merecê-lo. Que corresponda são os nossos votos. E já falta pouco. Muito pouco mesmo. Aveiro vai ter teatro. Uma homenagem indirecta ao CETA. O CETA que apesar de tudo (e a expressão engloba muita coisa) vive. Resultado: positivo (o do CETA, claro, principalmente e pelo que nos chegou ao nosso conhecimento, por causa do seu último espectáculo).

JESUS ZING

P. S.: Não deixou de ser positiva a actividade cultural do Clube dos Galitos, que apesar de certos quixotismos, faz com o CETA, as duas únicas colectividades que pelo homem, pela vida, trabalharam. As nossas homenagens. E aguardamos o futuro do rumo ao mesmo.

I. Z.

Tribunal Judicial da Comarca de Vagos

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que nos autos de execução sumaríssima que Jacinto Carvalhais, casado, residente no lugar da Ponte de Vagos, desta comarca, move contra DAVID FRANCISCO RITO e mulher ROSA DE JESUS, que tiveram a sua última residência conhecida no referido lugar da Ponte de Vagos, correm éditos de VINTE DIAS contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos daqueles executados, para, no prazo de DEZ DIAS posterior ao dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, naquela execução.

Vagos, 5 de Janeiro de 1972

O Juiz de Direito,

João Henriques Martins Ramires

O Escrivão,

José da Quintã Ferreira Lajas

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	AVENIDA
Domingo	SAÚDE
2.ª-feira	OUDINOT
3.ª-feira	NETO
4.ª-feira	MOURA
5.ª-feira	CENTRAL
6.ª-feira	MODERNA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Secção Fotográfica e de Cinema do CLUBE DOS GALITOS

Na noite de ontem, 21, os associados da recém-criada Secção de Fotografia e Cinema de Amadores do Clube dos Galitos reuniram-se, no salão nobre da sede do Clube, em Assembleia Geral convocada pela Comissão Instaladora daquela nova secção, com a principal finalidade da eleição dos corpos dirigentes que passarão a gerir os seus interesses.

Como complemento à referida reunião, foram ali projectados os filmes «Espelho da Cidade» e «Rajada», da autoria do insigne cineasta aveirense Vasco Branco.

No próximo número deste jornal, daremos mais circunstanciada notícia do acontecimento.

PELA P. S. P.

Provindo da Região Militar de Moçambique, encontra-se nesta cidade, em estágio no Comando Distrital da P. S. P., o sr. Capitão de Artilharia Francisco Manuel Abranches Félix que, em breve, irá desempenhar funções no Comando Distrital de Faro.

CURSO BÍBLICO

Está a ser organizado, em Aveiro, um curso bíblico, que pretende ser mais do que uma simples introdução geral ao tema, sem cair, no entanto, nos requintes de uma grande especialização.

O curso será regido pelo sr. Padre Arménio Alves da Costa, Pároco da Glória, e constará de cerca de 20 lições, distribuídas por duas aulas semanais, às terças e quintas, das 21.30 às 23 horas.

As lições serão dadas na Rua de José Estêvão, 50, a partir do próximo dia 8 de Fevereiro, estando prevista a interrupção correspondente às férias do Carnaval e da Páscoa, e também o aquecimento indispensável da sala.

As inscrições serão de 50$00 para os adultos e de 25$00 para os jovens, e podem ser feitas na Rua de José Estêvão, 50 (telefone 25687), nos dias úteis, até ao dia 31 de Janeiro.

AUTO - VIAÇÃO AVEIRENSE

Da prestigiada *Auto-Viação Aveirense, L.da*, de que é dinâmico sócio-gerente o nosso bom amigo sr. Gilberto da Fonseca Nunes, recebemos dois cartões de livre-trânsito para o ano em curso das carreiras daquela empresa, penhorante e reiterada gentileza que muito agradecemos.

Carnaval — 1972 «BAILE DO FARNEL»

Após reunião há dias realizada com a Aministração da Metalurgia Casal, a Comissão Organizadora do "Baile do Farnel" pede-nos para anunciarmos que ficou assente a sua realização, na noite de 12 de Fevereiro próximo, nos salões cedidos por aquela empresa – que assim se associa à festa de carnaval qne ali se efectuará, com o objectivo de se angariarem receitas destinadas a fins de beneficência.

Será reeditado, portanto, um grande sucesso aveirense, a avaliar pelo êxito do baile de 1971 e pelo enorme interesse que a festa de 1972 vem a despertar.

A Comissão Organizadora, no intuito de, com a devida antecedência, eliminar certas falhas ocorridas no ano findo, lembra a necessidade dos interessados se munirem antecipadamente dos seus convites-ingresso, que há dias começaram a distribuir-se e podem ser solicitados na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 87-A (ou pelo telefone 24436). Assim se evitarão aglomerações e dificuldades na entrada das instalações da Metalurgia Casal, junto dos portões que dão imediato acesso aos salões reservados para o "Baile do Farnel".

CONVÍVIO DOS COLABORADORES DA «PORTUGAL PREVIDENTE»

Na última quarta-feira, 19, realizou-se, num dos hotéis desta cidade, um jantar de confraternização dos agentes e colaboradores da creditada Companhia de Seguros «Portugal Previdente», promovido pela sua Delegação em Aveiro.

Em representação daquela seguradora, estiveram presentes o Sub-Director, sr. Cruz Carvalho; o Chefe da Organização Externa, sr. António Caetano Ribeiro Lopes; o Chefe dos Serviços Comerciais, sr. Jaime Santos; e os Inspectores-Coordenadores srs. Manuel Pires dos Santos e Antero da Fonseca.

Após o jantar, que decorreu em ambiente de franca camaradagem, usaram da palavra os srs. Fausto Castilho e Cruz Carvalho, respectivamente Delegado em Aveiro e Sub-Director daquela importante Companhia, ambos agradecendo a presença ali dos seus agentes e colaboradores e, particularmente, dos representantes da Imprensa local.

Depois, deu-se início à programada reunião de trabalhos, que visava, principalmente, um maior conhecimento mútuo de quantos trabalham para a «Portugal Previdente», e um diálogo sobre problemas de actualização profissional.

Ao abrir os trabalhos, o sr. Cruz Carvalho, depois de sublinhar a necessidade e o interesse destes encontros, disse dos empreendimentos realizados pela «Portugal Previdente» durante o ano de 1971: elevação do capital social; compra de um imóvel para instalação provisória da sede; nova estruturação mecanográfica, agora com a aquisição de um computador 360/20 IBM; e campanha dos 100 mil contos (aliás já ultrapassados).

Seguidamente, o Chefe da Organização Externa, sr. Ribeiro Lopes, começou por enaltecer a missão dos agentes de seguros. E, depois de referir, com grande cópia de pormenores, o que deve distinguir um bom agente de seguros de um serventuário de qualquer indústria, analisou circunstanciadamente diversos problemas inerentes àquele ramo, especificadamente os da concorrência, e referiu o programa já estabelecido para o ano de 1972 no Distrito de Aveiro.

Finalmente, o sr. Jaime Santos, Chefe dos Serviços Comerciais, dissertou sobre a função económico-social do seguro e a consequente contribuição do agente de seguros no desenvolvimento da economia nacional.

BANDA DO INTERNATO DISTRITAL

Anteontem — aqui oportunamente o anunciámos — a Banda Juvenil do Internato Distrital de Aveiro foi vista e ouvida na TV, no seu primeiro concerto ali transmitido.

Foi um êxito digno de registo — pelo que felicitamos os simpáticos rapazes e o esforçado e competente professor Severino dos Anjos Vieira, responsável artístico do magnífico conjunto.

CLUBE DE AVEIRO

Na próxima quarta-feira, 26, pelas 21 horas, realiza-se uma assembleia geral ordinária do Clube de Aveiro, para votação do relatório e contas do exercício do ano transacto e eleição dos corpos gerentes para 1972.

FALECERAM:

D. BENEDITA FERREIRA DA PAULA

A sr.ª D. Benedita Ferreira da Paula — conhecida e respeitadíssima comerciante de Aveiro — faleceu pela madrugada de 10 do corrente, na freguesia da Vera-Cruz.

Viúva do saudoso Carlos Rodrigues da Paula, contava 84 anos de idade. Era irmã da sr.ª D. Joana da Cruz Ferreira Trindade e do sr. Luís Vicente Ferreira; sogra da sr.ª D. Maria Guilhermina Vicente Ferreira; e avó do sr. Francisco de Assis Ferreira e Paula.

O funeral da veneranda senhora realizou-se para o Cemitério Central, após missa de corpo-presente na igreja de S. Gonçalo, a meio da tarde do mesmo dia do seu falecimento.

D. MARIA DA CONCEIÇÃO REIS

Pelas 7 horas da manhã da penúltima segunda-feira, 10, faleceu, na freguesia da Vera-Cruz, desta cidade, donde era natural, a sr.ª D. Maria da Conceição Reis.

Viúva do saudoso Tomé Pedro Peralta e irmã dos srs. José, João e Domingos dos Reis da Rosária, a sr.ª D. Maria da Conceição, que todos justificadamente respeitavam, contava 70 anos de idade.

O funeral foi a meio da tarde do dia imediato, após missa de corpo-presente na capela de Nossa Senhora das Febres, para o Cemitério Sul.

As famílias em luto, os pêsames do Litoral

Cartaz de Espectáculos TEATRO AVEIRENSE

Sábado, 22 — à noite
MAIS MORTO QUE VIVO — com Clint Walker e Vicente Price.
Para maiores de 17 anos.

Domingo, 23 — à tarde e à noite
MUITO OBRIGADO, SENHOR CROOGE — com Albert Finney e Alecc Guiness.
Para maiores de 10 anos.

Quarta-feira, 26 — à noite
QUEM SE METE COM RAPAZES — com Gianni Morandi.
Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, 27 — à noite
OLHOS VERDES NA NOITE.
Para maiores de 18 anos.

CINE-TEATRO AVENIDA

Sábado, 22 — à tarde e à noite
VIAGEM PARA O INFERNO — com Laura Antonilli e Fausto Tozzi.
Para maiores de 10 anos.

Domingo, 23 — à tarde e à noite
A RUPTURA — com Stephane Andran e Jean Pièrre Cassel.
Para maiores de 18 anos.

Terça-feira, 25 — à noite
O FUNDO DA GARRAFA — com Van Johnson e Joseph Cotton.
Para maiores de 17 anos.

Sexta-feira, 28 — à noite
O ESTRANHO ENCONTRO — com Cameron Mitchel e Jane Mansfield.
Para maiores de 17 anos.

Junta de Freguesia da Glória

EDITAL

Domingos José Barreto Cerqueira, Presidente da Junta de Freguesia da Glória.

Faz saber que, nos termos e para efeitos do artigo 203.º e seguintes do Código Administrativo, no próximo dia 1 de Fevereiro, têm início as operações para a organização do recenseamento dos Chefes de Família, do corrente ano.

Assim, pelo presente, convido todos os indivíduos de ambos os sexos, com capacidade eleitoral, a inscreverem-se como eleitores, dentro dos prazos legais.

Aveiro e Secretaria da Junta aos 17 de Janeiro de 1972.

O Presidente da Junta,
Domingos José Barreto Cerqueira

POSSE PÚBLICA DO NOVO ELENCO DA JUNTA DISTRITAL DE AVEIRO

Conforme aqui oportunamente anunciámos, realizou-se, ao fim da tarde de 14 do corrente mês, a cerimónia da posse pública dos novos dirigentes da Junta Distrital de Aveiro, srs. Eng.º José Gamelas Júnior (Presidente), Eng.º Manuel Gonzalez Queirós (Vice-Presidente) e Drs. Henrique Souto, José Seiça e Castro e António Pinho e Freitas (Vogais).

Ao acto, que teve lugar no salão nobre da mesma Junta, presidiu o Chefe do Distrito, que se fez ladear pelos Presidentes empossado e cessante e por outras individualidades da mais alta representatividade distrital; em lugar de destaque via-se Mons. Aníbal Ramos, Vigário-Geral da Diocese em representação do Prelado.

Abrindo a sessão, o sr. Dr. Vale Guimarães justificou o motivo da realização daquela cerimónia naquele dia, e não em 2 do corrente — — data fixada para a posse estritamente legal — por coincidir tal data, este ano, com um domingo; assim, mais solenemente e mais significativamente, se trazia agora a público um acto merecedor de todo o relevo. Seguindo-se-lhe no uso da palavra, o sr. Dr. Fernando de Oliveira, que saudou o seu sucessor, cujos méritos pôs em evidência, agradeceu a leal colaboração que lhe foi prestada durante as suas actividades na Junta e formulou votos pelos melhores êxitos da nova gerência.

Depois, o novo Presidente, além do mais, enunciou um lúcido esquema de trabalhos, a que, no fim, o Chefe do Distrito teceu justificados louvores, tendo ainda o sr. Dr. Vale Guimarães exortado o novo elenco — do qual, disse, com o sr. Eng.º Gamelas Júnior na presidência, muito haveria a esperar — a seguir os rumos de eficiência trilhados pelo elenco cessante, de que foi operoso Presidente o sr. Dr. Fernando de Oliveira.

Esperamos poder trazer a estas colunas algumas das mais significativas passagens do importante discurso do sr. Eng.º José Gamelas Júnior — o novo e promissor Presidente da Junta Distrital de Aveiro.

Quem acode à Casa-Museu de Egas Moniz?

Continuação da primeira página

de um homem de rara sensibilidade estética e vasta e funda ciência), tudo ficou estéril, entre paredes dum magnífico palacete, agora *sepulcro* de numerosos e valiosos elementos de cultura.

«Quem acode à Casa-Museu de Egas Moniz ?» — é a pergunta, angustiada (e angustiante) repetida em toda a parte, em todas as portas, pelo seu designado e principal depositário, o lúcido e incansável prof. Boaventura Pereira de Melo, o homem-de-confiança do sábio-esteta, em quem já vimos incontida comoção nos olhos e na voz. «Quem acode... ?» — E a verdade é esta: não podem acudir-lhe os particulares, por muito devotos que sejam do inestimável espólio; trata-se duma organização institucionalizada, com todas as implicações e condicionalismos legais, em que não é lícito (e bem) que um qualquer meta seu bedelho. Mas têm que empenhar-se — devem empenhar-se — pela sobrevivência da Casa-Museu de Egas Moniz aquelas entidades, com força pública, às quais competem funções de resguardo e promoção de cultura, o caso, neste caso, da Junta Distrital de Aveiro; e, no caso, até será o caso dum testemunho de gratidão para com a memória de um dos mais insignes filhos do Distrito, que, com seu nome, deu universal renome às terras aveirenses, sua pátria-pequena, e à pátria portuguesa, que foi a sua pátria-maior; testemunho de inalienável gratidão para com a memória de um homem que, podendo abrir museu na sua casa de Lisboa, quis museu na sua Casa do Marinheiro, ali em Avanca, no chão onde primeiro viu luz (ele, que foi «Luz da Humanidade»), assim fiel à raiz a que deu seiva para se erguer até à fronde. Um monumento, afinal, aquela Casa-Museu — monumento de um só homem, particularmente consagrado aos homens da sua terra, aos homens que já lhe ergueram modesto monumento a uns escassos metros da Casa-Museu, aos homens do Distrito, que terão de memorar Egas Moniz na cidade-capital, com mais grandioso monumento, para o qual até (e de há muito) já há projecto, magnífica escultura alegórica e até (mais recentemente) se preconizou lugar em adequado ambiente. Todavia, o mais expressivo monumento será esse de respeitar a respeitabilíssima vontade de um homem de Aveiro, dos maiores de todos os tempos (um português que é do Mundo todo) que quis continuar-se em Aveiro. E, porque homem assim, de tão grande dimensão, as fronteiras do interesse em manter a sua obra, e nela também a sua lembrança, passam nas altas esferas governamentais. Por isso, quem escreve estas linhas confia, como certamente quantos as lerem, na esclarecida diligência do Ministro Veiga Simão, para o qual respeitosamente se endereça mais este apelo...

...mais este apelo: um outro foi feito, na pretérita terça-feira, na Assembleia Nacional. E, esse, foi apelo na voz autorizada de Cancela de Abreu. O ilustre Deputado pelo Círculo de Aveiro evocou, de forma lapidar, a figura de Egas Moniz, sublinhando o prestígio universal do grande cientista. Depois, historiou o aparecimento da Fundação e citou importantes passagens dos respectivos Estatutos. E disse, designadamente, referindo-se ao estado de letargia em que presentemente se encontram as irrecusáveis virtualidades da Casa-Museu:

«Com o encerramento, esperamos que provisório, da antiga Casa do Marinheiro, *o património artístico, cultural e histórico português, já de si tão escasso, ficou mais pobre. Estão lamentàvelmente aferrolhados, longe da nossa vista, além de peças de alta valia, todos os importantes documentos referentes ao único Prémio Nobel de que Portugal se pode vangloriar».*

Neste momento, outro distinto Deputado, Miller Guerra, apoiando incondicionalmente a tese do orador, adiantou que deveria ser o Governo a proporcionar a reabertura da importante instituição.

E Cancela de Abreu concluíu:

«Desta tribuna, como deputado por Aveiro, como amigo e discípulo que fui de Egas Moniz, e, acima de tudo,, como português, desejava solicitar a sempre benevolente e interessada deferência do ministro da Educação Nacional para que, o mais ràpidamente possível, o Museu Egas Moniz reabra as suas portas. Assim o exige o nome de um sábio que tanto honrou Portugal e assim o impõe a premente necessidade de aumentar, cada vez mais, a cultura artística da nossa gente».

Queremos habituar-nos à ideia de que as palavras, não contestadas, proferidas ao mais alto nível da representatividade portuguesa, traduzem o unânime parecer — sentimental e intelectual — dos Portugueses. Na hipótese, nem vislumbramos hipótese de alguém de são juízo poder recusar, conscientemente, o mais franco aplauso à impetração agora formulada na Assembleia Nacional. E, assim, parece-nos que podemos esperar (e esperamos confiadamente) da tão comprovada lucidez do Professor Veiga Simão, a necessária receptividade, no seu ouvido sempre atento, de um anseio legítimo — o que vale dizer que tal anseio se verterá na traça do caminho que conduza às portas, permanentemente escancaradas à cultura, da Casa-Museu de Egas Moniz.

Do Tartufo de Molière ao Tartufo de Raul Solnado

Continuação da primeira página

pública. Outros impedimentos, porém, voltaram a coartar a sua liberdade de palco. Até que, em 5 de Fevereiro de 1669, já com 5 actos, o **Tartufo** foi autorizado.

Quando a peça subiu à cena, ainda em 3 actos, em 1664, diz o nosso contemporâneo Robert Jouanny, comentador de Molière, que o **Tartufo** se resumia à história de um homem que, em nome de Deus, havia resolvido perverter a mulher dum imbecil. O imbecil era Orgon. E Tartufo o falso devoto, o hipócrita, o impostor, o embusteiro.

Qual a história que conta Molière, na sua famosa peça ?

Comecemos pelas personagens :

Senhora Pernelle — mãe de Orgon
Orgon — marido de Elmira
Elmira — mulher de Orgon
Damis — filho de Orgon
Mariana — filha de Orgon e amante de Valério
Valério — amante de Mariana
Cléante — cunhado de Orgon
Tartufo — o falso devoto
Dorina — aia de Mariana
M. Loyal — meirinho
Flipote — criada da senhora Pernelle.

A cena decorre em Paris.

Resumidamente, a história é a seguinte: — Mariana e seu irmão Damis são filhos do primeiro casamento de Orgon, que casou em segundas núpcias com Elmira.

A senhora Pernelle, mãe de Orgon, vive lá em casa.

Orgon foi sempre um homem respeitável e até heróico, durante a Fronda ,a guerra civil, como é sabido, na menoridade de Luís XIV, entre o partido da Corte (Ana d'Áustria e Mazarino) e o Parlamento.

Um dia, Orgon conheceu um certo Tartufo, pessoa que se lhe apresentou sob o ar de um devoto, sujeito cordato e piedoso, polido e gentil. Orgon fez amizade com ele e meteu-o logo no coração. E, de tal modo, que o levou para sua casa, hospedou-o, confiou-lhe os seus segredos e prometeu-lhe a mão de sua filha Mariana.

A família, entretanto, dividiu-se em dois grupos, em relação a Tartufo: um a favor, outro contra.

Cléante aconselha Orgon a desembaraçar-se do hipócrita. Seu filho quase surpreende Tartufo a fazer a corte à madrasta Elmira ! Mas Orgon não ouve razões, a ninguém atende e até quer casar Mariana com o embusteiro, a quem doa os seus bens !

Por um propositado ardil de Elmira, Orgon abre os olhos, como soe dizer-se, e vê o ludíbrio em que vinha caindo, vê as mentiras do falso devoto, as hipocrisias do impostor e acaba por o pôr na rua. Tartufo, porém, está munido de uma escritura, como diríamos hoje, aquela doação que, em hora de desvario, lhe havia feito Orgon. E, tipo sem escrúpulos, está disposto a aproveitar-se do benefício do incauto e arruinar a família que, generosamente, o havia recolhido. Eis o momento de «suspense»... Orgon à beira da ruína económica. Mas o Rei tem conhecimento da espoliação miserável e entra a tempo de salvar Orgon e punir o Tartufo.

Eis a síntese rápida da peça de Molière.

Que terá feito o primoroso talento de RAUL SOLNADO desta peça ? Quem a traduziu ? Quem a adaptou ou, pelo menos, a ajeitou ao insuperável estilo humorístico do RAUL SOLNADO ? Nada sei. O TARTUFO estreia, no Teatro Villaret, dentro de dias, pelo que dizem os jornais. Estou a redigir a 18 de Janeiro. O LITORAL sai no sábado, 22. Já terá subido à cena ? Não sei. Confio, entretanto, no fulgorante talente do RAUL SOLNADO. E talvez a peregrina personagem de Molière venha a ter, daqui a dias, a melhor interpretação da sua carreira de três séculos.

V. L. M.

Secção Fotográfica e de Cinema do CLUBE DOS GALITOS

Na noite de ontem, 21, os associados da recém-criada Secção de Fotografia e Cinema de Amadores do Clube dos Galitos reuniram-se, no salão nobre da sede do Clube, em Assembleia Geral convocada pela Comissão Instaladora daquela nova secção, com a principal finalidade da eleição dos corpos dirigentes que passarão a gerir os seus interesses.

Como complemento à referida reunião, foram ali projectados os filmes «Espelho da Cidade» e «Rajada», da autoria do insigne cineasta aveirense Vasco Branco.

No próximo número deste jornal, daremos mais circunstanciada notícia do acontecimento.

PELA P. S. P.

Provindo da Região Militar de Moçambique, encontra-se nesta cidade, em estágio no Comando Distrital da P. S. P., o sr. Capitão de Artilharia Francisco Manuel Abranches Félix que, em breve, irá desempenhar funções no Comando Distrital de Faro.

CURSO BÍBLICO

Está a ser organizado, em Aveiro, um curso bíblico, que pretende ser mais do que uma simples introdução geral ao tema, sem cair, no entanto, nos requintes de uma grande especialização.

O curso será regido pelo sr. Padre Arménio Alves da Costa, Pároco da Glória, e constará de cerca de 20 lições, distribuídas por duas aulas semanais, às terças e quintas, das 21.30 às 23 horas.

As lições serão dadas na Rua de José Estêvão, 50, a partir do próximo dia 8 de Fevereiro, estando prevista a interrupção correspondente às férias do Carnaval e da Páscoa, e também o aquecimento indispensável da sala.

As inscrições serão de 50$00 para os adultos e de 25$00 para os jovens, e podem ser feitas na Rua de José Estêvão, 50 (telefone 25687), nos dias úteis, até ao dia 31 de Janeiro.

AUTO-VIAÇÃO AVEIRENSE

Da prestigiada *Auto-Viação Aveirense, L.da*, de que é dinâmico sócio-gerente o nosso bom amigo sr. Gilberto da Fonseca Nunes, recebemos dois cartões de livre-trânsito para o ano em curso das carreiras daquela empresa, penhorante e reiterada gentileza que muito agradecemos.

Carnaval — 1972 «BAILE DO FARNEL»

Após reunião há dias realizada com a Aministração da Metalurgia Casal, a Comissão Organizadora do "Baile do Farnel" pede-nos para anunciarmos que ficou assente a sua realização, na noite de 12 de Fevereiro próximo, nos salões cedidos por aquela empresa - que assim se associa à festa de carnaval qne ali se efectuará, com o objectivo de se angariarem receitas destinadas a fins de beneficência.

Será reeditado, portanto, um grande sucesso aveirense, a avaliar pelo êxito do baile de 1971 e pelo enorme interesse que a festa de 1972 vem a despertar.

A Comissão Organizadora, no intuito de, com a devida antecedência, eliminar certas falhas ocorridas no ano findo, lembra a necessidade dos interessados se munirem antecipadamente dos seus convites-ingresso, que há dias começaram a distribuir-se e podem ser solicitados na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 87-A (ou pelo telefone 24436). Assim se evitarão aglomerações e dificuldades na entrada das instalações da Metalurgia Casal, junto dos portões que dão imediato acesso aos salões reservados para o "Baile do Farnel".

CONVÍVIO DOS COLABORADORES DA «PORTUGAL PREVIDENTE»

Na última quarta-feira, 19, realizou-se, num dos hotéis desta cidade, um jantar de confraternização dos agentes e colaboradores da creditada Companhia de Seguros «Portugal Previdente», promovido pela sua Delegação em Aveiro.

Em representação daquela seguradora, estiveram presentes o Sub-Director, sr. Cruz Carvalho; o Chefe da Organização Externa, sr. António Caetano Ribeiro Lopes; o Chefe dos Serviços Comerciais, sr. Jaime Santos; e os Inspectores-Coordenadores srs. Manuel Pires dos Santos e Antero da Fonseca.

Após o jantar, que decorreu em ambiente de franca camaradagem, usaram da palavra os srs. Fausto Castilho e Cruz Carvalho, respectivamente Delegado em Aveiro e Sub-Director daquela importante Companhia, ambos agradecendo a presença ali dos seus agentes e colaboradores e, particularmente, dos representantes da Imprensa local.

Depois, deu-se início à programada reunião de trabalhos, que visava, principalmente, um maior conhecimento mútuo de quantos trabalham para a «Portugal Previdente», e um diálogo sobre problemas de actualização profissional.

Ao abrir os trabalhos, o sr. Cruz Carvalho, depois de sublinhar a necessidade e o interesse destes encontros, disse dos empreendimentos realizados pela «Portugal Previdente» durante o ano de 1971: elevação do capital social; compra de um imóvel para instalação provisória da sede; nova estruturação mecanográfica, agora com a aquisição de um computador 360/20 IBM; e campanha dos 100 mil contos (aliás já ultrapassados).

Seguidamente, o Chefe da Organização Externa, sr. Ribeiro Lopes, começou por enaltecer a missão dos agentes de seguros. E, depois de referir, com grande cópia de pormenores, o que deve distinguir um bom agente de seguros de um serventuário de qualquer indústria, analisou circunstanciadamente diversos problemas inerentes àquele ramo, especificadamente os da concorrência, e referiu o programa já estabelecido para o ano de 1972 no Distrito de Aveiro.

Finalmente, o sr. Jaime Santos, Chefe dos Serviços Comerciais, dissertou sobre a função económico-social do seguro e a consequente contribuição do agente de seguros no desenvolvimento da economia nacional.

BANDA DO INTERNATO DISTRITAL

Anteontem — aqui oportunamente o anunciámos — a Banda Juvenil do Internato Distrital de Aveiro foi vista e ouvida na TV, no seu primeiro concerto ali transmitido.

Foi um êxito digno de registo — pelo que felicitamos os simpáticos rapazes e o esforçado e competente professor Severino dos Anjos Vieira, responsável artístico do magnífico conjunto.

CLUBE DE AVEIRO

Na próxima quarta-feira, 26, pelas 21 horas, realiza-se uma assembleia geral ordinária do Clube de Aveiro, para votação do relatório e contas do exercício do ano transacto e eleição dos corpos gerentes para 1972.

FALECERAM:

D. BENEDITA FERREIRA DA PAULA

A sr.ª D. Benedita Ferreira da Paula — conhecida e respeitadíssima comerciante de Aveiro — faleceu pela madrugada de 10 do corrente, na freguesia da Vera-Cruz.

Viúva do saudoso Carlos Rodrigues da Paula, contava 84 anos de idade. Era irmã da sr.ª D. Joana da Cruz Ferreira Trindade e do sr. Luís Vicente Ferreira; sogra da sr.ª D. Maria Guilhermina Vicente Ferreira; e avó do sr. Francisco de Assis Ferreira e Paula.

O funeral da veneranda senhora realizou-se para o Cemitério Central, após missa de corpo-presente na igreja de S. Gonçalo, a meio da tarde do mesmo dia do seu falecimento.

D. MARIA DA CONCEIÇÃO REIS

Pelas 7 horas da manhã da penúltima segunda-feira, 10, faleceu, na freguesia da Vera-Cruz, desta cidade, donde era natural, a sr.ª D. Maria da Conceição Reis.

Viúva do saudoso Tomé Pedro Peralta e irmã dos srs. José, João e Domingos dos Reis da Rosária, a sr.ª D. Maria da Conceição, que todos justificadamente respeitavam, contava 70 anos de idade.

O funeral foi a meio da tarde do dia imediato, após missa de corpo-presente na capela de Nossa Senhora das Febres, para o Cemitério Sul.

Às famílias em luto, os pêsames do Litoral

POSSE PÚBLICA DO NOVO ELENCO DA JUNTA DISTRITAL DE AVEIRO

Conforme aqui oportunamente anunciámos, realizou-se, ao fim da tarde de 14 do corrente mês, a cerimónia da posse pública dos novos dirigentes da Junta Distrital de Aveiro, srs. Eng.º José Gamelas Júnior (Presidente), Eng.º Manuel Gonzalez Queirós (Vice-Presidente) e Drs. Henrique Souto, José Seiça e Castro e António Pinho e Freitas (Vogais).

Ao acto, que teve lugar no salão nobre da mesma Junta, presidiu o Chefe do Distrito, que se fez ladear pelos Presidentes empossado e cessante e por outras individualidades da mais alta representatividade distrital; em lugar de destaque via-se Mons. Aníbal Ramos, Vigário-Geral da Diocese em representação do Prelado.

Abrindo a sessão, o sr. Dr. Vale Guimarães justificou o motivo da realização daquela cerimónia naquele dia, e não em 2 do corrente — — data fixada para a posse estritamente legal — por coincidir tal data, este ano, com um domingo; assim, mais solenemente e mais significativamente, se trazia agora a público um acto merecedor de todo o relevo. Seguindo-se-lhe no uso da palavra, o sr. Dr. Fernando de Oliveira, que saudou o seu sucessor, cujos méritos pôs em evidência, agradeceu a leal colaboração que lhe foi prestada durante as suas actividades na Junta e formulou votos pelos melhores êxitos da nova gerência.

Depois, o novo Presidente, além do mais, enunciou um lúcido esquema de trabalhos, a que, no fim, o Chefe do Distrito teceu justificados louvores, tendo ainda o sr. Dr. Vale Guimarães exortado o novo elenco — do qual, disse, com o sr. Eng.º Gamelas Júnior na presidência, muito haveria a esperar — a seguir os rumos de eficiência trilhados pelo elenco cessante, de que foi operoso Presidente o sr. Dr. Fernando de Oliveira.

Esperamos poder trazer a estas colunas algumas das mais significativas passagens do importante discurso do sr. Eng.º José Gamelas Júnior — o novo e promissor Presidente da Junta Distrital de Aveiro.

Cartaz de Espectáculos

TEATRO AVEIRENSE

Sábado, 22 — à noite
MAIS MORTO QUE VIVO — com Clint Walker e Vicente Price.
Para maiores de 17 anos.

Domingo, 23 — à tarde e à noite
MUITO OBRIGADO, SENHOR CROOGE — com Albert Finney e Alecc Guiness.
Para maiores de 10 anos.

Quarta-feira, 26 — à noite
QUEM SE METE COM RAPAZES — com Gianni Morandi.
Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, 27 — à noite
OLHOS VERDES NA NOITE.
Para maiores de 18 anos.

CINE-TEATRO AVENIDA

Sábado, 22 — à tarde e à noite
VIAGEM PARA O INFERNO — com Laura Antonilli e Fausto Tozzi.
Para maiores de 10 anos.

Domingo, 23 — à tarde e à noite
A RUPTURA — com Stephane Andran e Jean Pièrre Cassel.
Para maiores de 18 anos.

Terça-feira, 25 — à noite
O FUNDO DA GARRAFA — com Van Johnson e Joseph Cotton.
Para maiores de 17 anos.

Sexta-feira, 28 — à noite
O ESTRANHO ENCONTRO — com Cameron Mitchel e Jane Mansfield.
Para maiores de 17 anos.

Junta de Freguesia da Glória

EDITAL

Domingos José Barreto Cerqueira, Presidente da Junta de Freguesia da Glória.

Faz saber que, nos termos e para efeitos do artigo 203.º e seguintes do Código Administrativo, no próximo dia 1 de Fevereiro, têm início as operações para a organização do recenseamento dos Chefes de Família, do corrente ano.

Assim, pelo presente, convido todos os indivíduos de ambos os sexos, com capacidade eleitoral, a inscreverem-se como eleitores, dentro dos prazos legais.

Aveiro e Secretaria da Junta aos 17 de Janeiro de 1972.

O Presidente da Junta,
Domingos José Barreto Cerqueira

Quem acode à Casa-Museu de Egas Moniz?

Continuação da primeira página

de um homem de rara sensibilidade estética e vasta e funda ciência), tudo ficou estéril, entre paredes dum magnífico palacete, agora *sepulcro* de numerosos e valiosos elementos de cultura.

«Quem acode à Casa-Museu de Egas Moniz ?» — é a pergunta, angustiada (e angustiante) repetida em toda a parte, em todas as portas, pelo seu designado e principal depositário, o lúcido e incansável prof. Boaventura Pereira de Melo, o homem-de-confiança do sábio-esteta, em quem já vimos incontida comoção nos olhos e na voz. «Quem acode... ?» — E a verdade é esta: não podem acudir-lhe os particulares, por muito devotos que sejam do inestimável espólio; trata-se duma organização institucionalizada, com todas as implicações e condicionalismos legais, em que não é lícito (e bem) que um qualquer meta seu bedelho. Mas têm que empenhar-se — devem empenhar-se — pela sobrevivência da Casa-Museu de Egas Moniz aquelas entidades, com força pública, às quais competem funções de resguardo e promoção de cultura, o caso, neste caso, da Junta Distrital de Aveiro; e, no caso, até será o caso dum testemunho de gratidão para com a memória de um dos mais insignes filhos do Distrito, que, com seu nome, deu universal renome às terras aveirenses, sua pátria-pequena, e à pátria portuguesa, que foi a sua pátria-maior; testemunho de inalienável gratidão para com a memória de um homem que, podendo abrir museu na sua casa de Lisboa, quis museu na sua Casa do Marinheiro, ali em Avanca, no chão onde primeiro viu luz (ele, que foi «Luz da Humanidade»), assim fiel à raiz a que deu seiva para se erguer até à fronde. Um monumento, afinal, aquela Casa-Museu — monumento de um só homem, particularmente consagrado aos homens da sua terra, aos homens que já lhe ergueram modesto monumento a uns escassos metros da Casa-Museu, aos homens do Distrito, que terão de memorar Egas Moniz na cidade-capital, com mais grandioso monumento, para o qual até (e de há muito) já há projecto, magnífica escultura alegórica e até (mais recentemente) se preconizou lugar em adequado ambiente. Todavia, o mais expressivo monumento será esse de respeitar a respeitabilíssima vontade de um homem de Aveiro, dos maiores de todos os tempos (um português que é do Mundo todo) que quis continuar-se em Aveiro. E, porque homem assim, de tão grande dimensão, as fronteiras do interesse em manter a sua obra, e nela também a sua lembrança, passam nas altas esferas governamentais. Por isso, quem escreve estas linhas confia, como certamente quantos as lerem, na esclarecida diligência do Ministro Veiga Simão, para o qual respeitosamente se endereça mais este apelo...

...mais este apelo: um outro foi feito, na pretérita terça-feira, na Assembleia Nacional. E, esse, foi apelo na voz autorizada de Cancela de Abreu. O ilustre Deputado pelo Círculo de Aveiro evocou, de forma lapidar, a figura de Egas Moniz, sublinhando o prestígio universal do grande cientista. Depois, historiou o aparecimento da Fundação e citou importantes passagens dos respectivos Estatutos. E disse, designadamente, referindo-se ao estado de letargia em que presentemente se encontram as irrecusáveis virtualidades da Casa-Museu:

> *«Com o encerramento, esperamos que provisório, da antiga* Casa do Marinheiro, *o património artístico, cultural e histórico português, já de si tão escasso, ficou mais pobre. Estão lamentàvelmente aferrolhados, longe da nossa vista, além de peças de alta valia, todos os importantes documentos referentes ao único Prémio Nobel de que Portugal se pode vangloriar».*

Neste momento, outro distinto Deputado, Miller Guerra, apoiando incondicionalmente a tese do orador, adiantou que deveria ser o Governo a proporcionar a reabertura da importante instituição.

E Cancela de Abreu concluíu:

> *«Desta tribuna, como deputado por Aveiro, como amigo e discípulo que fui de Egas Moniz, e, acima de tudo,, como português, desejava solicitar a sempre benevolente e interessada deferência do ministro da Educação Nacional para que, o mais ràpidamente possível, o Museu Egas Moniz reabra as suas portas. Assim o exige o nome de um sábio que tanto honrou Portugal e assim o impõe a premente necessidade de aumentar, cada vez mais, a cultura artística da nossa gente».*

Queremos habituar-nos à ideia de que as palavras, não contestadas, proferidas ao mais alto nível da representatividade portuguesa, traduzem o unânime parecer — sentimental e intelectual — dos Portugueses. Na hipótese, nem vislumbramos hipótese de alguém de são juízo poder recusar, conscientemente, o mais franco aplauso à impetração agora formulada na Assembleia Nacional. E, assim, parece-nos que podemos esperar (e esperamos confiadamente) da tão comprovada lucidez do Professor Veiga Simão, a necessária receptividade, no seu ouvido sempre atento, de um anseio legítimo — o que vale dizer que tal anseio se verterá na traça do caminho que conduza às portas, permanentemente escancaradas à cultura, da Casa-Museu de Egas Moniz.

Litoral - 22 - Janeiro - 1972
Número 894 — Página 5

Do Tartufo de Molière ao Tartufo de Raul Solnado

Continuação da primeira página

pública. Outros impedimentos, porém, voltaram a coartar a sua liberdade de palco. Até que, em 5 de Fevereiro de 1669, já com 5 actos, o **Tartufo** foi autorizado.

Quando a peça subiu à cena, ainda em 3 actos, em 1664, diz o nosso contemporâneo Robert Jouanny, comentador de Molière, que o **Tartufo** se resumia à história de um homem que, em nome de Deus, havia resolvido perverter a mulher dum imbecil. O imbecil era Orgon. E Tartufo o falso devoto, o hipócrita, o impostor, o embusteiro.

Qual a história que conta Molière, na sua famosa peça ?

Comecemos pelas personagens :

Senhora Pernelle — mãe de Orgon
Orgon — marido de Elmira
Elmira — mulher de Orgon
Damis — filho de Orgon
Mariana — filha de Orgon e amante de Valério
Valério — amante de Mariana
Cléante — cunhado de Orgon
Tartufo — o falso devoto
Dorina — aia de Mariana
M. Loyal — meirinho
Flipote — criada da senhora Pernelle.

A cena decorre em Paris.

Resumidamente, a história é a seguinte: — Mariana e seu irmão Damis são filhos do primeiro casamento de Orgon, que casou em segundas núpcias com Elmira.

A senhora Pernelle, mãe de Orgon, vive lá em casa.

Orgon foi sempre um homem respeitável e até heróico, durante a Fronda ,a guerra civil, como é sabido, na menoridade de Luís XIV, entre o partido da Corte (Ana d'Áustria e Mazarino) e o Parlamento.

Um dia, Orgon conheceu um certo Tartufo, pessoa que se lhe apresentou sob o ar de um devoto, sujeito cordato e piedoso, polido e gentil. Orgon fez amizade com ele e meteu-o logo no coração. E, de tal modo, que o levou para sua casa, hospedou-o, confiou-lhe os seus segredos e prometeu-lhe a mão de sua filha Mariana.

A família, entretanto, dividiu-se em dois grupos, em relação a Tartufo: um a favor, outro contra.

Cléante aconselha Orgon a desembaraçar-se do hipócrita. Seu filho quase surpreende Tartufo a fazer a corte à madrasta Elmira ! Mas Orgon não ouve razões, a ninguém atende e até quer casar Mariana com o embusteiro, a quem doa os seus bens !

Por um propositado ardil de Elmira, Orgon abre os olhos, como soe dizer-se, e vê o ludíbrio em que vinha caindo, vê as mentiras do falso devoto, as hipocrisias do impostor e acaba por o pôr na rua. Tartufo, porém, está munido de uma escritura, como diríamos hoje, aquela doação que, em hora de desvario, lhe havia feito Orgon. E, tipo sem escrúpulos, está disposto a aproveitar-se do benefício do incauto e arruinar a família que, generosamente, o havia recolhido. Eis o momento de «suspense»... Orgon à beira da ruína económica. Mas o Rei tem conhecimento da espoliação miserável e entra a tempo de salvar Orgon e punir o Tartufo.

Eis a síntese rápida da peça de Molière.

Que terá feito o primoroso talento de RAUL SOLNADO desta peça ? Quem a traduziu ? Quem a adaptou ou, pelo menos, a ajeitou ao insuperável estilo humorístico do RAUL SOLNADO ? Nada sei. O TARTUFO estreia, no Teatro Villaret, dentro de dias, pelo que dizem os jornais. Estou a redijir a 18 de Janeiro. O LITORAL sai no sábado, 22. Já terá subido à cena ? Não sei. Confio, entretanto, no fulgorante talente do RAUL SOLNADO. E talvez a peregrina personagem de Molière venha a ter, daqui a dias, a melhor interpretação da sua carreira de três séculos.

V. L. M.

MANUEL GARCIA & C.ª, L.ª

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de sete de Janeiro de mil novecentos e setenta e dois, de folhas seis a dez do livro próprio número 23-C, deste Primeiro Cartório, outorgada perante o Notário Lic. Joaquim Tavares da Silveira, foi constituída uma Sociedade Comercial, por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma «MANUEL GARCIA & COMPANHIA LIMITADA»; e fica com a sua sede e estabelecimento principal à Rua dos Combatentes da Grande Guerra, número dez, freguesia da Glória, desta cidade de Aveiro;

2.º

A sua duração é por tempo indeterminado, a contar de hoje;

3.º

O seu objecto é a exploração do comércio de fazendas, camisaria, malhas, miudezas e afins, e qualquer outro ramo de comércio ou indústria;

4.º

O capital social é do montante de um milhão e duzentos mil escudos, dividido em três quotas, sendo, uma de setecentos e vinte contos, subscrita pelo sócio Manuel Garcia Alvarez, outra, de trezentos contos, subscrita pelo sócio João Ferreira Lopes, e, outra, de cento e oitenta contos, subscrita pelo sócio José Júlio Lourenço Dias; e acha-se inteiramente realizado.

Cada uma das quotas dos sócios Ferreira Lopes e Lourenço Dias está realizada em dinheiro, que deu entrada já na Caixa Social; e a quota do sócio Manuel Garcia Alvarez realizada com a entrada que ele nesta data faz, para a sociedade, do seu estabelecimento comercial, de objecto igual ao da sociedade, que vem explorando em nome individual, sito e instalado na dita Rua dos Combatentes da Grande Guerra, número dez, desta cidade, em seu próprio prédio urbano, composto de casa de rés-do-chão e primeiro andar e quintal e que é o inscrito na matriz predial da freguesia da Glória no artigo sessenta e oito; e estabelecimento que, em consequência, transfere para a Sociedade, nela pondo em comum, com todos os elementos activos e passivos que o integram e, ao qual para este acto, se atribue o valor da quota que o seu titular-sócio com ele realiza — setecentos e vinte contos;

Parágrafo único — a) — A sociedade, mediante deliberação tomada por um mínimo de três quartos dos votos correspondentes ao capital social poderá exigir dos sócios prestações suplementares de capital até ao montante do valor nominal das suas quotas na ocasião; e b) — Qualquer sócio poderá fazer suprimentos à sociedade nas condições a fixar em Assembleia Geral;

5.º

É livremente permitida a cessão de quotas entre sócios e a favor dos descendentes destes; a cessão de quotas a outrém, depende, porém, do consentimento da sociedade, a qual se reserva, também, o direito de preferência em tais casos, pertencendo este mesmo direito, quando aquela, podendo dele não use, em segundo lugar, aos sócios individualmente;

6.º

Exercendo a sociedade o seu direito de preferência, ao abrigo do disposto no artigo antecedente, o valor ou preço da quota adquirida será pago em seis prestações semestrais, iguais, vencendo-se a primeira no acto da escritura e as restantes em igual dia do começo de cada um dos semestres seguintes;

7.º

A gerência e representação da sociedade, em juízo e fora dele, activa e passivamente, são confiadas a todos os sócios; e a gerência é dispensada de caução e será retribuída ou não, conforme se deliberar em Assembleia Geral;

Parágrafo Primeiro — Os documentos de mero expediente e os cheques, letras, livranças e demais documentos comerciais ou bancários, respectivos ao giro e desenvolvimento normal da actividade comercial e social poderão ser firmados por um só dos gerentes. Todos os demais documentos de responsabilidade só terão validade quando assinados em conjunto por dois dos gerentes, um dos quais será sempre o sócio-gerente Manuel Garcia Alvarez;

Parágrafo Segundo — Em caso algum a firma social será usada em fianças, abonações ou quaisquer outros actos ou documentos estranhos aos negócios da sociedade;

8.º

Salvo os casos para que a lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas apenas por cartas registadas, com oito dias de antecedência; porém esta mesma forma de convocação, outrossim, se observará naqueles casos legais, e para além deles;

9.º

A sociedade não se dissolverá pelo falecimento ou interdição de qualquer sócio, antes, em tais casos, continuará com os sócios sobrevivos e capazes e os herdeiros do falecido e o interdito, legalmente representado.

Porém, se os ditos herdeiros pretenderem apartar-se da sociedade poderá esta adquirir-lhe a quota respectiva ou mesmo amortizá-la, conforme deliberar, e no caso de amortização, esta será feita pelo valor do último Balanço, pagando-se nos termos referidos no artigo sexto;

10.º

Os sócios João Ferreira Lopes e José Júlio Lourenço Dias não poderão exercer, no distrito de Aveiro, comércio igual ou afim àquele a que a sociedade se dedica ou a que venha a dedicar-se, quer individualmente quer associados fora desta sociedade;

11.º (Transitório)

Sem prejuízo do disposto no artigo sétimo, em relação a quaisquer outros casos, poderá o sócio-gerente João Ferreira Lopes, sòzinho, outorgar qualquer escritura de arrendamento, como representante da sociedade, para efeitos de instalação da sua sede e estabelecimento sociais, nesta data.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra e transcreve.

Aveiro, 12 de Janeiro de 1972.

O Ajudante,

José Fernandes Campos

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro

AVISO

C. efes de Secção - Admissões

Para os devidos efeitos se torna público que se encontra aberto, pelo prazo de 20 dias, concurso para provimento de vagas da categoria de chefe de secção.

Poderão concorrer os indivíduos de qualquer sexo, licenciados em Direito, Ciências Económicas e Financeiras, Economia e Finanças, pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, diplomados pelo Instituto Económico e Social de Évora e pelo Instituto de Estudos Sociais e ainda os primeiros escriturários ou empregados de categorias equivalentes com, pelo menos, dois anos de normal e efectivo serviço na categoria e habilitados com o respectivo curso de promoção.

O vencimento mensal é de 6 500$00 até 4 anos de normal e efectivo serviço e de 7 100$00 além de 4 anos de efectivo serviço e classificação de «Muito Bom» ou possuindo curso superior adequado, além de 1 ano de efectivo serviço e classificação de «Muito Bom».

Aveiro, 18 de Janeiro de 1972.

O PRESIDENTE

Continuações

Beira-Mar — C. U. F.

deveras ingratas para os os jogadores, piorando consideràvelmente o seu estado, que, como na Imprensa se tem referido, é mesmo lamentável, carecendo de urgentes trabalhos de recuperação e adequado e imediato tratamento.

Chegou a pensar-se que o jogo não se efectuava ou que, depois de iniciado, seria interrompido — a exemplo do que se registava noutros pontos do País, e ia sendo conhecido através da rádio. Mas não sucedeu assim. O sr. Saldanha Ribeiro deu por praticável o tapete (que só em diminutas faixas era verde...), onde os jogadores tiveram de lutar durante noventa minutos, em esforço abnegado, heróico, sacrificado, aplaudível — vencendo, com redobrado dispêndio de energias, os óbices do traiçoeiro lamaçal em que os obrigaram a fazer correr a bola.

Claramente, e apesar dos esforços desenvolvidos pelos futebolistas — que souberam valorizar a pugna mercê de entrega total à luta, conseguindo rendimento global digno de apreço — , o nível do espectáculo foi afectado, de modo decisivo. O futebol perdeu beleza, velocidade, intencionalidade — prevalecendo os pontapés longos, em jeito de alívio, em aconselhável toada (praticada tanto pelos homens do Beira-Mar como pelos jogadores da C. U. F.) de bola pelo ar, em tentativas de se atingirem as balizas e suas imediações, desse modo, algo obsoleto, na expectativa de que, depois, em lance de confusão ou em jogada de recarga, os golos surgissem.

E foi assim — registe-se — que efectivamente se marcaram os tentos do embate, dando expressão à igualdade, aceitável dentro de certa medida, com que o jogo findou.

Dizemos que o desfecho pode considerar-se mais um menos certo. A divisão de pontos, entre turmas que têm vindo a fazer carreira de sensação no torneio máximo, depois de luta sem tréguas, que pôs em evidência a capacidade física dos jogadores que as integraram, agradou, inquestionàvelmente, aos dois contendores. Porém, não teria escandalizado uma vitória por banda dos auri-negros, já que os aveirenses atacaram, às vezes em massa e com autêntico frenesim, durante mais tempo, pertencendo-lhes os melhores ensejos para desfazer o empate. Outro argumento, em favor do grupo visitado reside na circunstância do guarda-redes barreirense Conhé ter tido mais trabalho (em alguns casos, trabalho delicado e de vulto) que o seu colega César...

O que conta, porém, é o que sucedeu, e não que poderia ter acontecido. E, assim, deverá finalizar-se com a afirmação de que o desfecho é prémio justo para beiramarenses e para cufistas: nenhuns mereciam perder o jogo, em que todos estiveram vivamente empenhados em construir uma vitória.

Sumário Distrital

• JUVENIS

Resultados da 13.ª jornada:

Zona A

FEIRENSE — LAMAS	4-1
ESPINHO — SANJOANENSE	1-1
AROUCA — S. ROQUE	0-1
ARRIFANENSE — CUCUJÃES	V-D

Zona B

BEIRA-MAR — ANADIA	0-1
MEALHADA — BUSTELO	1-0
AVANCA — OLIVEIRENSE	4-0
ALBA — GAFANHA	1-3
RECREIO — ESTARREJA	3-1

Resultados da 14.ª jornada:

Zona A

LAMAS — AROUCA	7-0
SANJOANENSE — FEIRENSE	2-1
OVARENSE — ESPINHO	1-3
S. ROQUE — ARRIFANENSE	2-2

Zona B

ANADIA — ALBA	2-0
BUSTELO — BEIRA-MAR	1-1
OLIVEIRENSE — MEALHADA	8-1
GAFANHA — RECREIO	2-2
ESTARREJA — AVANCA	0-0

ANDEBOL DE SETE

título. O êxito, porém, foi justíssimo, amplamente merecido pelos auri-negros, que, impondo-se pelo valor global da turma — unida, consciente, coesa a defender e versátil e rápida no ataque e nos rerremates — , teve, no entanto, três elementos em plano de evidência; o guarda-redes Sérgio, que defendeu superiormente dois penalties; o treinador-jogador Lacerda, meia-distância eficiente; e o pivot Borges, no sábado autor de meia dúzia de golos, alguns de efeito espectacular.

Marcha geral da marcação: 0-1, 1-1, 2-1, 3-1, 4-1, 5-1, 5-2, 5-3, 5-4, 6-4, 6-5, 6-6, 7-6, 7-7, 8-7, 8-8, 9-8, 10-8 11-8, 12-8, (intervalo), 14-8, 14-9, 15-9, 15-10, 15-11, 16-11, 16-12, 16-13, 16-14, 17-14, 17-15, 18-15, 19-15, 20-15, 21-15 e 22-15.

Arbitragem com muitas falhas, pela dualidade de critério usado, nos lances na área, dando nítido benefício aos lisboetas. O sr. Jerónimo Gouveia, inferior ao colega, prejudicou, de modo evidente e até hostil, a turma aveirense.

Campeonatos Distritais

JUNIORES

Beira-Mar, 26 — Galitos, 5

Jogo no sábado, à tarde, sob arbitragem do sr. António Costa.

Alinharam e marcaram:

BEIRA-MAR — Meco (Fortuna), Vaz Duarte (2), Fernando Rocha (6), António Carlos, Fonseca (1), Matos (9), Ulisses (3), Adrego, Emídio (1), Teixeira (3) e João Rocha.

GALITOS — Teixeira (Penicheiro), Nogueira, Brandão (1), Ferreira, Breda (1), Abreu, Oliveira (1), Sá, Marques, Sobreiro e Pericão (2).

Supremacia esmagadora dos beiramarenses, que ganharam sem dificuldades à formação alvi-rubra, que merece um aceno de simpatia pelo modo correcto como soube aceitar o avolumar dos números.

Ao intervalo, a marca ia já em 15-2.

Classificação:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Beira-Mar	2	2	0	0	44-14	6
Espinho	1	0	0	1	9-18	1
Galitos	1	0	0	1	5-26	1

A prova continua esta tarde, com o derradeiro encontro da primeira volta — ESPINHO — GALITOS, no recinto dos espinhenses.

Basquetebol

Série B

SP. FIGUEIRENSE — SPORT	68-42
MARINHENSE — GAIA	46-32
SANGALHOS — ED. FÍSICA	70-33
ESGUEIRA — LEÇA	50-27

Jogos para esta noite:

ILLIABUM — SANJOANENSE
GUIFÕES — COVILHÃ
LEIXÕES — NAVAL
C. D. U. P. — NUN'ÁLVARES
SPORT — MARINHENSE
LEÇA — SP. FIGUEIRENSE
GAIA — SANGALHOS
ED. FÍSICA — ESGUEIRA

FEMININO — I DIVISÃO

Resultados da 1.ª jornada:

ACADÉMICO — GAIA	51-33
C. D. U. P. — ESGUEIRA	42-23
ACADÉMICA — PORTO	67-24

Jogos para amanhã:

GAIA — C. D. U. P.
PORTO — ACADÉMICO
ESGUEIRA — ACADÉMICA

Postal de Luanda

como os mais íntimos o tratam — continua a dar a sua ajuda a todos quantos chegam da *santa terrinha*... apesar de continuar a dizer que não sabe como tanta gente ainda anda ligada ao Desporto. E, aqui para nós, mal ele sabe que o Duarte também lhe deu agora para ajudar, na orientação a equipa «senior» de andebol do Ferroviário de Angola. O mínimo que nos chama, quando souber, é maluco. E ele lá terá as suas razões...

JOAQUIM DUARTE

Xadrez de Notícias

A ronda de abertura da «Taça Distrito de Aveiro», em hóquei em patins, não se efectuou na data prevista (sábado), tanto por atraso de alguns clubes, no tocante à obtenção de licenças dos seus elementos, como ainda pela circunstância do mau tempo impedir a realização dum dos prélios marcados. Foram transferidos, para datas a designar, os jogos Beira-Mar — Cucujães, Lamas — — Sanjoanense e Alba — Oliveirense.

A Associação de Desportos de Aveiro tem abertas as inscrições para os Campeonatos de Iniciados e Infantis, em basquetebol, até 15 de Fevereiro próximo. No dia imediato, pelas 22 horas, terão lugar os sorteios dos jogos das aludidas competições.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 21 DO «TOTOBOLA»

30 de Janeiro de 1972

1 — Belenenses — Beira-Mar	1
2 — C. U. F. — Benfica	2
3 — Guimarães — Atlético	1
4 — Farense — Boavista	1
5 — Porto — U. Tomar	1
6 — Académica — Leixões	1
7 — Aves — Chaves	1
8 — Vila Real — Vilanovense	1
9 — Lusitânia — Anadia	1
10 — Alhandra — Santarém	X
11 — E. Portalegre — Bombarral	1
12 — Serpa — Estoril	1
13 — Palo Pires — Luso	2

Dez anos de Fomento Gimnodesportivo

a compromissos assumidos mas ainda não executados, em especial no domínio da construção de instalações gimnodesportivas.

Debrucemo-nos sobre a rubrica referente às instalações gimnodesportivas, conforme o quadro que se segue:

Tipos de Instalação	Continente e Ilhas	Distrito de Aveiro	%
Pavilhões Gimnodesportivos	64.974.425$80	6.694.624$90	10%
Recintos Polidesportivos Descobertos	3.789.187$00	19.000.00	1%
Piscinas	13.228.996$80	90.000$00	1%
Pistas de Atletismo	2.913.196$60	300.000$00	10%
Outras Instalações	10.104.244$60	290.000$00	3%
TOTAL	95.010.050$80	7.393.624$90	8%

Vê-se que: em «Pavilhões Gimnodesportivos» (novas construções), aplicaram-se 64 974 425$80, dos quais 6 694 624$90 foram repartidos pelo Distrito de Aveiro, contemplando as entidades seguintes:

Associação Académica de Espinho	500 000$00
Associação Desportiva Sanjoanense	100 000$00
Clube de Futebol União de Lamas	625 000$00
Escola Industrial e Comercial de Espinho	689 448$30
Illiabum Clube	625 000$00
Liceu Nacional de Aveiro	3 060 176$60
Sangalhos Desporto Clube	400 000$00
Sporting Clube de Espinho	695 000$00

De 3 789 187$00 aplicados em novas construções e beneficiações de «Recintos Polidesportivos Descobertos», couberam ao Distrito de Aveiro 19 000$00 atribuídos ao Sport Clube Beira-Mar (beneficiações).

Quanto a piscinas, o Fundo de Fomento do Desporto dispendeu 13 228 996$80, dos quais 90 000$00 foram distribuídos pelo Distrito de Aveiro, contemplando a Câmara Municipal de Vagos (beneficiações) e o Sport Algés e Águeda, respectivamente com 10 000$00 e 80 000$00.

Ainda no Distrito de Aveiro, em pistas de Atletismo, a Associação Desportiva Sanjoanense recebeu, para novas construções, 300 000$00 dos 2 913 196$60 aplicados na Metrópole.

Dispenderam-se 10 104 244$60 em novas construções e beneficiações de «Outras Instalações», cabendo ao Distrito de Aveiro 290 000$00 sendo:

Clube dos Galitos (Sede-ginásio-nova construção) — 150 000$00; Clube dos Galitos (Posto Náutico) — 30 000$00; Lusitânia Futebol Clube (Instalações reduzidas para Atletismo) — 100 000$00; e Recreio Desportivo de Águeda (Campo de Basquetebol — beneficiação) — 10 000$00.

Como cumprimento de toda uma política de fomento gimnodesportivo, os elementos que acabamos de apresentar são um testemunho válido da Obra que o Fundo de Fomento do Desporto tem realizado e pretende continuar a realizar em prol da Educação Física e do Desporto em Portugal. Obra séria, sem dúvida, que, no entanto, no caso particular do Distrito de Aveiro («zona prioritária» das mais completas e de maior actividade) se justifica ser mais difundida, mais ampla e mais amparada através de uma maior percentagem nas dotações (e aplicações) das verbas provenientes do Fundo de Fomento do Desporto.

ARQUIVO

Resultados da 15.ª jornada:

ATLÉTICO — LEIXÕES . . . 2-0
BARREIRENSE — ACADÉMICA 3-1
BOAVISTA — V. GUIMARÃES (a)
U. TOMAR — SPORTING . . 0-2
BENFICA — FARENSE . . . 2-0
TIRSENSE — PORTO 3-3
BEIRA-MAR — C. U. F. . . 1-1
V. SETÚBAL — BELENENSES 1-1

(a) — Adiado, devido ao mau tempo e em acordo dos dois clubes, para o dia 26, depois de interrompido.

Nesta jornada final da primeira volta (disputada a prestações), os jogos Barreirense — Académica e Atlético — Leixões foram interrompidos, no domingo, realizando-se, respectivamente, na segunda e na quarta-feira.

Mapa de pontos:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Benfica	15	13	2	0	45-8	28
V. Setúbal	15	9	5	1	30-10	23
Sporting	15	10	2	3	27-13	22
C. U. F.	15	7	5	3	25-17	19
Porto	15	6	4	5	25-18	16
Belenenses	15	6	3	6	17-16	15
BEIRA-MAR	15	5	5	5	14-18	15
Farense	15	5	3	7	14-18	13
Barreirense	15	5	3	7	17-25	13
V. Guimarães	14	5	2	7	24-27	12
U. Tomar	15	5	2	8	13-19	12
Tirsense	15	4	3	8	13-30	11
Boavista	14	4	2	8	13-27	10
Atlético	15	4	2	9	19-29	10
Leixões	15	4	3	8	15-29	10
Académica	15	4	1	10	13-20	9

Jogos para amanhã

BEIRA-MAR — V. SETÚBAL (0-4)
TIRSENSE — C. U. F. (0-4)
BENFICA — PORTO (3-1)
U. TOMAR — FARENSE (0-1)
BOAVISTA — SPORTING (1-4)
BARREIR. — V. GUIMAR. (0-2)
ATLÉTICO — ACADÉMICA (2-0)
LEIXÕES — BELENENSES (1-0)

FUTEBOL

Campeonato Nacional da I Divisão

Beira-Mar, 1 C. U. F., 1

Jogo em Aveiro, sob arbitragem do sr. Saldanha Ribeiro, coadjuvado pelos srs. Augusto Montenro (bancada) e Armando Carmo (peão) — todos da Comissão Distrital de Leiria.

As equipas alinharam deste modo:

BEIRA-MAR — César; Jerónimo, Marques, Soares e Severino; Inguila e Colorado; Adé (Almeida, aos 68 m.), Alemão, Eduardo e Nèlinho.

C. U. F. — Conhé; Castro, Rodrigues (Quaresma, aos 15 m.), Américo e Esteves; Arnaldo, Fernando e Vítor Gomes; Manuel Fernandes, Monteiro e Juvenal (Vieira, aos 76 m.).

●

Antes do jogo, o «capitão» da turma fabril, Fernando, entregou ao «capitão» aveirense, Marques, um estojo com uma placa de prata, como prenda de parabéns do G. D. da C. U. F. ao Beira-Mar, pela passagem do seu cinquentenário.

●

Os golos foram apontados por MONTEIRO, aos 20 m., em golpe de cabeça, emendando um centro a «pingar» do defesa-lateral Castro (num lance em que César terá tido algumas culpas por se encontrar adiantado no terreno, fora dos postes) — a favor dos visitantes; e por INGUILA, aos 44 m., em espectacular cabeceamento, após canto apontado por Adé, no lado direito — a favor dos locais.

●

No domingo, em fecho de semana de rigorosa invernia, Aveiro esteve sob forte temporal — chuva copiosa, vento fortíssimo, granizo e relâmpagos desabaram sobre a cidade, justamente na altura em que deveria ter início o jogo Beira-Mar — Desportivo da C. U. F. No Parque, algumas árvores foram até arrancadas pela raiz; e o piso do relvado, no Estádio de Mário Duarte, ficou em condições

Continua na penúltima página

DEZ ANOS DE FOMENTO GIMNODESPORTIVO

AO DISTRITO DE AVEIRO COUBERAM CERCA DE 8 % DAS VERBAS DISPENDIDAS NA CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES GIMNODESPORTIVAS

ELEMENTOS COLIGIDOS PELO DR. LÚCIO LEMOS

O Fundo de Fomento do Desporto apresentou à Imprensa um relatório discriminativo sobre o movimento, entre 1961 e 1970, das verbas provenientes das «Apostas Mútuas Desportivas» (TOTOBOLA) dispendidas pelo Ministério da Educação Nacional, através desse Fundo.

Na impossibilidade de publicarmos tão circunstanciado e elucidativo trabalho, passamos a apresentar um breve resumo:

Foram de 322 427 639$60 as receitas gerais, sendo de 3 340 696$70 as receitas próprias e de 319 086 942$90 as atribuídas pelo TOTOBOLA, relativamente à Metrópole.

Estas dotações tiveram a seguinte aplicação:

108 832 922$10 em «Instalações e Apetrechamento»
27 852 407$40 em «Ensino»
18 532 202$00 em «Medicina Desportiva»
111 906 889$30 em «Actividades»
11 055 035$50 em «Competições Internacionais»
15 084 829$40 em «Administração e Estudos».

Para 1971 transitou, assim um saldo de 29 163 353$90, referente

Continua na penúltima página

Andebol de 7

Campeonatos Nacionais

● I DIVISÃO

Resultados da 12.ª jornada:

ACADÉMICO — PADROENSE . 20-17
C. OURIQUE — V. SETÚBAL . 18-20
BENFICA — PORTO 28-14
C. D. U. P. — TÉCNICO . . 25-20
BEIRA-MAR — BELENENSES . 22-15
SPORTING — ALMADA . . . 20-16

Tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sporting	12	11	1	0	265-159	35
Almada	12	8	1	2	275-215	29
Benfica	11	8	1	2	285-191	28
Belenenses	12	8	0	4	258-213	28
Porto	11	8	0	3	248-192	27
V. Setúbal	12	6	0	6	224-263	24
Académico	12	4	2	6	224-252	22
Beira-Mar	12	4	1	7	213-242	21
C. Ourique	12	4	0	8	222-224	20
Técnico	12	3	1	8	199-269	19
C. D. U. P.	12	2	0	10	210-311	16
Padroense	12	1	1	10	207-299	15

Jogos para esta noite:

TÉCNICO — PADROENSE
C. OURIQUE — ACADÉMICO
V. SETÚBAL — BENFICA
BELENENSES — C. D. U. P.
PORTO — SORTING
ALMADA — BEIRA-MAR

● RESERVAS

Resultados da 12.ª jornada:

ACADÉMICO — PADROENSE . 20-9
C. OURIQUE — V. SETÚBAL . 19-14
SPORTING — ALMADA . . . 13-11

Jogo para esta noite:

V. SETÚBAL — BENFICA

BEIRA-MAR, 22 — BELENENSES, 15

Jogo dirigido pelos árbitros portuenses srs. Jerónimo Gouveia e Armando Silva, alinhando assim as equipas:

BEIRA-MAR — Sérgio, Helder (3), Lacerda (6), Mário Garcia (5), Vieira (2), Borges (6), Oliveira, Matos, Gamelas, Manuel Ângelo, Machado e Januário.

BELENENSES — Carrasco, José Manuel (2), Franco, Mendes (1), Costeira (1), Nunes (1), Gaspar (6), Mário (1), Rafael (3), Albuquerque e Lopes.

Encontro emocionante, em que os beiramarenses — com exibição de notável fulgor, empolgante em muitas fases (em que tiveram de vencer a forte oposição dos seus valorosos adversários e, ainda, os desfavores da dupla de arbitragem) — conquistaram vitória sensacional, sobre um candidato ao

Continua na penúltima página

XADREZ DE NOTÍCIAS

Amanhã, com início às 9.30 horas, nos terrenos anexos ao campo de futebol do Forte da Barra, realiza-se o Torneio de Abertura de Corta-Mato, em atletismo, com provas para todas as categorias etárias. A organização pertence à Associação de Desportos de Aveiro.

Em consequência do mau tempo, não se disputaram, no passado domingo, em Sangalhos, as corridas da primeira jornada dos Campeonatos Regionais de Ciclo-Cross da Associação de Ciclismo de Aveiro — transferidas, por esse motivo, para amanhã, de manhã, nos terrenos que circundam a Pista da Bairrada.

O jogo Espinho — Cucujães, do Campeonato Distrital de Andebol de Sete, em seniores, finalistas com a marca de 27-17, favorável aos «tigres» da Costa Verde, que assim confirmaram o seu favoritismo para a conquista do título regional.

Continua na penúltima página

SUMÁRIO DISTRITAL

Arquivamos, a seguir, os resultados que se apuraram nos desafios realizados nos dois últimos fins-de-semana nas várias provas da Associação de Futebol de Aveiro presentemente em curso.

● I DIVISÃO

Resultados da 12.ª jornada:

CUCUJÃES — ESTARREJA . . . 3-1
MACINHATENSE — MEALHADA 1-0
S. ROQUE — AROUCA 1-3
CORTEGAÇA — O. DO BAIRRO 0-4
ARRIFANENSE — P. DE BRANDÃO 3-1
FERMENTELOS — ESMORIZ . . 2-2
RECREIO — BUSTELO 2-0
PAIVENSE — VALONGUENSE . . 1-2

Resultados da 13.ª jornada:

CUCUJÃES — MACINHATENSE . (a)
MEALHADA — S. ROQUE . . . 0-0
AROUCA — CORTEGAÇA . . . 3-1
O. DO BAIRRO — ARRIFANENSE 0-0
P. BRANNDÃO — FERMENTELOS 2-0
ESMORIZ — RECREIO . . . . . (a)
BUSTELO — PAIVENSE 3-1
ESTARREJA — VALONGUENSE . 1-3

(a) — Jogos interrompidos, em consequência de inferioridade numérica do grupo de Macinhata e do mau tempo, quando havia, respectivamente, 4-0 e 0-0.

● RESERVAS

Zona A — 9.ª jornada:

RECREIO — BEIRA-MAR 0-3
OLIVEIRENSE — ANADIA . . . 0-0
ARRIFANENSE — CESARENSE . . 1-1
GAFANHA — ALBA 0-2

Zona B — 1.ª jornada:

SEVERENSE — BEIRA-VOUGA . 1-1
PINHEIRENSE — LUSO 5-1

Zona A — 10.ª jornada:

BEIRA-MAR — ARRIFANENSE . . 1-1
OLIVEIRENSE — RECREIO . . . 2-0
CESARENSE — GAFANHA . . . 4-0
ALBA — ANADIA 3-0

Zona B — 2.ª jornada:

BEIRA-VOUGA — PINHENRENSE 0-0
LUSO — SEVERENSE 2-2

● JUNIORES

FASE FINAL — 1.ª jornada:

Série dos Primeiros

GAFANHA — P. DE BRANDÃO . 3-0
SANJOANENSE — ANADIA . . . 6-0

Série dos Segundos

ESPINHO — S. ROQUE 2-4
PAMPILHOSA — BEIRA-MAR . . 3-3

Série dos Terceiros

LUSO — VALONGUENSE . . . 2-3
AVANCA — FEIRENSE 3-0

FASE FINAL — 2.ª jornada:

Série dos Primeiros

P. BRANDÃO — SANJOANENSE . 1-0
ANADIA — GAFANHA 3-2

Série dos Segundos

S. ROQUE — PAMPILHOSA . . 2-0
BEIRA-MAR — ESPINHO 1-3

Série dos Terceiros

VALONGUENSE — AVANCA . . 5-1
FEIRENSE — LUSO 2-2

Continua na penúltima página

POSTAL DE LUANDA

Invariàvelmente, batem-nos à porta rapazes de Aveiro (do Distrito e fora dele...) quase sempre votados ao Desporto, trazendo pela mão o cartãozinho de apresentação. E apesar do trabalho que desde logo isso representa, sinto-me satisfeito, sobretudo porque posso ajudar alguém da nossa terra (só do coração...) a resolver problemas — às vezes não é possível — e, assim, amenizar as saudades estampadas em rostos macilentos e meio desconfiados, com a algidez bem nítida nas faces e o espanto bem expresso no olhar. Espanto, pois claro, a admitir pelas palavras de elogio que saem espontâneamente dos lábios desta gente humilde que aqui chega na mor das vezes para cumprir serviço militar.

Agora é mais um moço do Sangalhos. Ao que me diz, «amador-especial», que em linguagem ciclista quer significar a um passo da consagração. Desta feita, o cartão é do «velho» Amigo Alcides da Silva, que nunca falha nos momentos de sinal vermelho. Pois, o Joaquim Santos, de seu nome, veio precisamente quando outro velho Amigo — para mim os Amigos tão todos com «A» — o Domingos Ribeiro, homem forte da praça de Luanda, me dizia entre dois golos de «whisky»: — *Amigo Duarte, às vezes pergunto a mim mesmo como há gente que ainda anda ligada ao Desporto! O meio é tão ingrato que me parece impossível como ainda há quem ande nessas coisas...*

Para quem não conhece o Domingos Ribeiro, poderei adiantar que, além de ciclista nos seus tempos, em que chegou a vestir a camisola do popular Salgueiros, foi até não há muito tempo o responsável pelo Ciclismo do Sport Luanda e Benfica e esteve na Metrópole com a equipa dos encarnados de Luanda numa das edições do «Prémio Robbialac».

Apesar de afastado das lides das bicicletas, o D. R. — «doutor»

Continua na penúltima página

Basquetebol

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO

Resultados da 3.ª jornada:

CARNIDE — PORTO 62-105
BENFICA VASCO DA GAMA 78-53
ACADÉMICA — GALITOS . . 72-55
C. U. F. — GINÁSIO 82-80
ACADÉMICO — ALGÉS . . . 77-70
B. P. M. — SPORTING . . . 62-82

Resultados da 4.ª jornada:

CARNIDE — VASCO DA GAMA 51-72
BENFICA — PORTO 73-77
ACADÉMICA — GINÁSIO . . . 90-51
C. U. F. — GALITOS 87-79
ACADÉMICO — SPORTING . . 80-62
B. P. M. — ALGÉS 73-68

Tabela classificativa:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Porto	4	4	0	348-250	8
Académica	4	3	1	330-258	7
Benfica	4	3	1	350-280	7
Sporting	4	3	1	328-274	7
Académico	4	3	1	289-282	7
V. da Gama	4	2	2	242-241	6
C. U. F.	4	2	2	297-349	6
Algés	4	1	3	295-314	5
Ginásio	4	1	3	287-313	5
GALITOS	4	1	3	271-315	5
B. P. M.	4	1	3	230-283	5
Carnide	4	0	4	220-326	4

Próximas jornadas:

HOJE — ALGÉS — CARNIDE
SPORTING — BENFICA
V. DA GAMA — GINÁSIO
PORTO — GALITOS
ACADÉMICA — ACADÉMICO
C. U. F. — B. P. M.

REGISTO

Nos embates a que foram chamados, no último fim-de-semana, os grupos aveirenses tiveram sorte vária. Na I Divisão, o GALITOS — não obstante valoroso comportamento — saiu derrotado ante a Académica e a C. U. F.; e o ESGUEIRA, na prova feminina, estrou-se diante das portuenses do C. D. U. P., averbando um desaire pesado.

Já na II Divisão, todos os grupos do Distrito tiveram estreia vitoriosa: ILLIABUM ganhou fora-de-casa, por margem de uma só «cesta», ao Desportivo da Covilhã; nos seus recintos, SANGALHOS, SANJOANENSE e ESGUEIRA alcançaram triunfos amplos, diante do Educação Física, Leixões e Leça, respectivamente.

AMANHÃ — SPORTING — CARNIDE
ALGÉS — BENFICA
V. DA GAMA — GALITOS
PORTO — GINÁSIO
ACADÉMICA — B. P. M.
C. U. F. — ACADÉMICO

II DIVISÃO — Zona Norte

Resultados da 1.ª jornada:

Série A

SANJOANENSE — LEIXÕES . . 61-49
NAVAL — C. D. U. P. . . . 36-77
COVILHÃ — ILLIABUM . . . 42-44
NUN'ÁLVARES — GUIFÕES . . 42-52

Continua na penúltima página